



PUC

MARIA INÊS GARCIA DE FREITAS BITTENCOURT

VALIDAÇÃO DE UM MÉTODO DE DIAGNÓSTICO
DA PERSONALIDADE PSICOPÁTICA ATRAVÉS DO TESTE DE RORSCHACH

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, maio de 1979.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 225 — CEP 22453

RIO DE JANEIRO — BRASIL

N.Cham. 150 B624v TESE UC

Título Validação de um método de diagnóstico da personalidade



Ex.2 PUC-Rio - PUCB

00149018

MARIA INÊS GARCIA DE FREITAS BITTENCOURT

VALIDAÇÃO DE UM MÉTODO DE DIAGNÓSTICO
DA PERSONALIDADE PSICOPÁTICA ATRAVÉS DO TESTE DE RORSCHACH

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Monique R.A. Augras

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, maio de 1979

100846



150
B624 v
Tese UC
ex. 2

A Pedro e Fernando Henrique

Agradecimentos

- À Professora Monique Augras, pelo apoio e incentivo dados durante toda a realização deste trabalho.
- Ao Dr. Carlos Leal Vieira, Diretor do Hospital de Psiquiatria Penitenciária Nelson Hungria, pela boa vontade com que facilitou o contato direto com pacientes do Hospital.
- À Psicóloga Léia Atta Abrahão, Chefe do Setor de Psicologia do Hospital de Psiquiatria Penitenciária Nelson Hungria, pela sua preciosa ajuda na seleção de casos.
- Ao Dr. Romeu Loures, Superintendente da Casa de Saúde Dr. Eiras, que autorizou o acesso a esta instituição.
- Ao Professor Antonio Rodrigues, Diretor do Centro de Psicologia Aplicada, pelo interesse demonstrado em colaborar, fornecendo material de teste e permitindo contato com os clientes do CEPA.
- Ao Dr. Rui Teixeira Basto, pelo encaminhamento de casos clínicos.
- Aos colegas Regina Helena Nunes da Rocha, Vera Lucia Sodré Moreira, Lauro G. de Souza e Vera Lucia Chahon Kirschbaum pela ajuda prestada no decorrer da pesquisa.
- Ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ.

RESUMO

A dificuldade encontrada no diagnóstico da personalidade psicopática por meio de testes psicológicos parece decorrer, antes de mais nada, de uma inadequada conceituação. Na medida em que se define com maior precisão a natureza do distúrbio psicopático, surgem possibilidades de avaliação através de métodos objetivos, focados sobre os pontos essenciais da questão.

Este trabalho, que teve como ponto de partida um método de interpretação simbólica do Rorschach desenvolvido empiricamente, procura inicialmente relacionar este método com uma teoria de personalidade capaz de fundamentá-lo. Um levantamento das principais abordagens teóricas do problema visa destacar a precisão da conceituação psicanalítica, em particular da escola kleiniana, no que se refere à origem da psicopatia. Através deste enfoque torna-se possível compreender os comportamentos psicopáticos como decorrentes de um conjunto de defesas encobrindo uma falha estrutural profunda, originada nos primórdios do desenvolvimento e que se manifesta por sintomas típicos. É destacada a limitação da função simbólica como um aspecto característico desta falha.

Um trabalho experimental procura em seguida verificar a aplicabilidade do método num contexto cultural diferente do original. Os resultados obtidos parecem confirmar a viabilidade do instrumento, fazendo surgir a necessidade de uma padronização.

RESUME

Le diagnostic de la personnalité psychopatique au moyen des tests psychologiques s'est toujours montré difficile en fonction d'une imprécision de la définition, ce qui empêchait de créer une méthode visant les points essentiels du problème.

Ce travail, ayant comme point de départ une méthode d'interprétation symbolique du Rorschach, d'origine empirique, cherche d'abord à fonder cette méthode sur une théorie de la personnalité. Les conceptions psychanalytiques kleiniennes permettent de comprendre le trouble psychopatique en fonction d'un ensemble de défenses, destinées à combler une lacune structurale primitive, qui se révèle notamment par le biais d'une difficulté de symbolisation.

On a ensuite essayé de vérifier expérimentalement les possibilités d'utilisation de la méthode dans un contexte culturel différent du premier.

Les résultats obtenus semblent confirmer l'applicabilité de l'instrument, faisant surgir la nécessité de la standardisation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - CONCEITO DE PSICOPATIA.....	6
1.1 Origem do Conceito.....	6
1.2 As Diferentes Concepções.....	8
1.2.1 Teorias Constitucionalistas.....	8
1.2.2 O Enfoque Dinâmico e Estrutural.....	16
1.3 Conceitos Etiológicos.....	30
1.3.1 Influência do Fator Hereditário.....	30
1.3.2 Importância do Fator Neurológico.....	31
1.3.3 Efeitos da Privação Afetiva.....	32
1.4 Definição de Psicopatia.....	34
CAPÍTULO 2 - DISTÚRBIOS DO PENSAMENTO NA PERSONALIDADE PSICO- PÁTICA.....	38
2.1 Afeto e Pensamento.....	38
2.2 Simbolização.....	53
CAPÍTULO 3 - ESTUDO EXPERIMENTAL.....	63
3.1 Introdução.....	63
3.2 Formulação do Problema.....	68
3.2.1 Definição das variáveis.....	68
3.2.2 Hipótese.....	69
3.3 Amostra.....	69
3.3.1 Psicopatia/Neurose/Normalidade.....	70
3.3.2 Nível intelectual.....	72
3.3.3 Nível cultural e sócio-econômico.....	73
3.3.4 Idade.....	73
3.3.5 Sexo.....	73
3.3.6 Proveniência dos grupos.....	74
3.3.7 Descrição da amostra.....	74
3.4 Metodologia.....	76
3.4.1 Descrição do índice de elaboração sim bólica.....	76
3.4.2 Cálculo do índice de elaboração simbó lica.....	79
3.4.3 Análise estatística dos resultados.....	80
3.4.4 Discussão.....	81

CONCLUSÃO.....	83
ANEXOS.....	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	105

INTRODUÇÃO

Este trabalho procura estabelecer um método de diagnóstico diferencial de psicopatia, através de uma análise dos conteúdos do teste de Rorschach, assim como verificar experimentalmente a aplicabilidade deste método num contexto diferente daquele em que foi originariamente utilizado.

O interesse pelo assunto surgiu da necessidade encontrada, no plano prático, de fundamentar com maior coerência e clareza o diagnóstico de psicopatia através de um teste psicológico. Apesar das importantes contribuições que, já há algumas décadas, vêm delimitando e especificando o conceito de psicopatia, tanto em termos sintomáticos como etiológicos, os instrumentos de investigação objetiva de que se dispõe em psicologia clínica se mostram até hoje de curto alcance, baseados em conceituações imprecisas, sem uma unidade capaz de promover o desenvolvimento de um método realmente discriminativo. Assim é comum encontrar-se grande dificuldade na utilização dos métodos padronizados de avaliação da personalidade quando se trata de obter dados para o diagnóstico de "psicopatia".

No entanto a tomada de contato com diferentes contribuições dadas ao conhecimento da psicopatia traz condições de se compreender melhor a natureza do problema, abrindo possibilidades para o estabelecimento de critérios de diagnóstico.

Um estudo do tema "psicopatia" realizado através de seminários na cadeira de Psicodiagnóstico II, durante o curso de Mestrado em Psicologia Aplicada da PUC, permitiu um primeiro

aprofundamento de algumas destas contribuições, tanto no plano teórico como no plano clínico.

No sentido prático, um trabalho experimental realizado na Bélgica por Cassiers (1968) pareceu então particularmente importante pelas suas possibilidades de aplicação, por representar uma forma original de interpretação dos dados de um teste de validade já estabelecida, como é o Rorschach. Partindo da experiência empírica, o autor criou um método de avaliação dos conteúdos do Rorschach, obtendo resultados significativos em termos das diferenças na elaboração simbólica das respostas, ao comparar grupos de psicopatas, neuróticos e normais. A partir dos resultados desta pesquisa, Cassiers desenvolveu uma conceituação da psicopatia que refere todo o quadro a um distúrbio da capacidade de simbolizar. A elaboração de certos conceitos psicanalíticos, tal como é apresentada pelo autor, levanta contudo um questionamento a respeito das bases teóricas sobre as quais o trabalho foi construído, fazendo surgir a necessidade de se precisar estas bases para melhor fundamentar o método de avaliação.

Desta forma, procurou-se inicialmente revisar os principais conceitos referentes à psicopatia, no sentido de uma delimitação do quadro em termos descritivos, etiológicos e patogênicos.

O confronto entre as diferentes posições, permitindo seguir a evolução do conceito através do tempo em função dos progressos do conhecimento no campo da psicopatologia, levou à opinião de que as contribuições mais esclarecedoras e coerentes até

o momento, em termos da estruturação da personalidade psicopática, são as que provêm da teoria psicanalítica e muito particularmente da corrente Kleiniana, devido aos conceitos que propõe para o conhecimento dos primórdios da personalidade e do seu processo de desenvolvimento.

Neste processo, segundo a concepção kleiniana, a função simbólica ocupa um lugar de destaque, como "integradora do interno com o externo, do sujeito com o objeto, das experiências antigas com as novas" (H. Segal, 1970).

Compreendida como uma integração entre "sinais" de experiência (as palavras) e a fantasia inconsciente que representa o "significado" da experiência, a simbolização aparece assim estreitamente vinculada ao mecanismo da sublimação. Sem o apoio da fantasia, o pensamento de realidade não pode operar (Melanie Klein, 1930). O adiamento da satisfação instintiva e a expectativa envolvida no trabalho de aprender e pensar sobre a realidade só podem ser suportados quando também os impulsos instintivos, representados em fantasia, são satisfeitos.

Através dos conceitos kleinianos torna-se mais fácil a compreensão das limitações da personalidade psicopática neste sentido, em função de distúrbios (de causa interna e/ou externa) ocorridos desde o início do desenvolvimento, assim como se delineiam também os tipos de defesas envolvidos na configuração do quadro. O paradoxo da psicopatia consiste numa capacidade de simular normalidade, quando na realidade o que existe é uma estrutura frágil, primitiva, próxima de uma personalidade psicótica, que se revela num contato mais intensivo. Referindo-se a

formação do distúrbio às primeiras relações objetais é possível compreender-se as manifestações dessas relações deformadas no contato do psicopata com os outros.

A possibilidade de uma personalidade crescer depende de toda uma elaboração interna, decorrente por sua vez de complexas interações com o mundo externo. Na visão kleiniana, o psicopata aparece como alguém ameaçado, desarticulado, incapaz de conceber uma outra forma de ser, e que necessita lançar mão de defesas radicais para tentar escapar da iminente aniquilação. Passa a destruir para não ser destruído, porque não pode se organizar de outro modo.

O tema da psicopatia se abre aqui a uma dimensão mais ampla, que é o problema da capacidade do homem se adaptar, interna e externamente, através de um constante processo de elaboração. A "personalidade normal" aparece como sendo aquela que, diante de um conflito, aproveita o que é potencialmente destrutivo, para construir. Evolui através de um jogo complexo de forças antagônicas, que constantemente desafiam a sua criatividade, na exigência de novas formas de adaptação.

A comparação entre o psicopata e o indivíduo normal coloca em destaque este aspecto. O "normal" aparece como aquele que, elaborando contradições, consegue assumi-las a nível de realidade, e orientá-las para condutas capazes de satisfazer, na medida do possível, ao mesmo tempo, às exigências das várias partes envolvidas no conflito. O que implica tanto uma fidelidade ao passado quanto uma orientação para o futuro, possível em função dos recursos progressivamente adquiridos durante o processo

de maturação. Na psicopatia, encontra-se prejudicado todo o desenvolvimento da personalidade. O psicopata conta com poucas capacidades para enfrentar dificuldades, em função das perturbações que afetam a estruturação e a organização do seu ego. A ação constitui, em decorrência disto, a sua principal forma de reagir. Consiste porém apenas em reproduzir repetitivamente um padrão de conduta inconsciente, e tende a adquirir, caracteristicamente, conotação agressiva e anti-social. Representa uma resposta vingativa a intensas frustrações, inscrevendo-se num círculo vicioso que progressivamente agrava a patologia do quadro.

A ênfase dada pela escola kleiniana às mais remotas situações traumáticas, às primeiras situações de abandono (que originam o afastamento hostil do objeto primário), às fantasias destrutivas, permite a aproximação de um aspecto essencial da estrutura psicopática: a "mutilação do ego" (Zac, 1977, pg. 195), pela qual ficam comprometidas todas as suas funções básicas, em particular a identidade e a simbolização.

No decorrer deste trabalho será feita uma tentativa de compreensão da personalidade psicopática nestes termos, com um enfoque mais acentuado nos distúrbios da simbolização, de maneira a delinear a base para o método de diagnóstico empregado. Serão apresentados alguns dados decorrentes da aplicação experimental do instrumento e discutidas as suas possibilidades de aplicação prática.

CAPÍTULO 1

CONCEITO DE PSICOPATIA1.1 Origem do Conceito

A existência de pessoas que, embora não apresentando sintomas de doença mental típica ou de deficiência intelectual, se comportam socialmente de forma anormal, é um fato que tem chamado a atenção dos autores desde os primórdios da psiquiatria. Caracterizam-se tais casos por um comportamento anti-social que constitui a "expressão primária" do seu distúrbio (Rappeport, 1974), na medida em que a atuação contra o meio externo é a forma escolhida para lidar com os conflitos internos. Carecendo de lealdade, de culpa, de consciência, de consistência, distinguem-se das outras pessoas, que ao executarem até mesmo atos anti-sociais, o fazem numa continuidade motivacional mais compreensível para os outros e para eles. Tais casos, por isso, criam frequentemente impasses do ponto de vista clínico e legal.

A natureza e a origem da psicopatia têm sido, ao longo do tempo, objeto de intensas controvérsias. Uma visão panorâmica das diversas opiniões, do início da psiquiatria no século XIX até os dias de hoje, mostra uma polarização de posições que vão desde a atribuição do comportamento psicopático a causas puramente orgânicas, com reforço no conceito de "degeneração constitucional", até a atribuição dos distúrbios a estados adquiridos através de experiências afetivas primitivas, negando, portanto, o inato. A maioria das opiniões atuais é, contudo, eclética, admitindo uma diversidade de fatores na constituição da

psicopatia.

Zac (1977), analisando a evolução do conceito de psicopatia, correlaciona as transformações ocorridas à evolução do próprio conceito de doença mental. A este respeito, lembra que este conceito surgiu primitivamente como uma noção que se referia a um elemento isolado do contexto tanto da personalidade como totalidade, como de sua situação no tempo e no espaço. Os pacientes eram depositários reais de segregação e perseguição social que deviam ser colocados à distância ou "corrigidos". A emergência de uma psiquiatria que começou a investigar a inter-relação dinâmica do homem em sua totalidade com os homens na sociedade permitiu ampliar o conhecimento do funcionamento do homem em si e da sua inter-relação com os outros.

Durante muito tempo, em função da falta de conceituação, definição e categorização da doença mental em geral, o termo de "personalidade psicopática" foi utilizado para designar um conjunto de quadros nosográficos que, apesar de certos traços em comum, dificilmente poderiam, pelos padrões atuais, ser incluídos numa mesma categoria. Inversamente encontra-se também ao longo do tempo uma diversidade de rótulos caracterizando anomalias que poderiam ser agrupadas sob o termo "psicopatia". Até recentemente, assinala Cassiers (1968), encontra-se na literatura psiquiátrica uma variedade de termos utilizados para a designação de tais casos. O levantamento deste autor inclui as denominações de "desequilibrados mentais", "sociopatas", "desadaptados", "perversos", "neuróticos de caráter", como algumas das mais frequentes. Em síntese, vê-se que a indefinição de conceitos,

inerente não só ao campo da psicopatia, mas então a todo o campo abrangido pela psiquiatria tornou difícil durante muito tempo uma diferenciação precisa da psicopatia em relação a outros quadros clínicos, de conduta, etc..

Uma revisão das principais conceituações ilustrará a diversidade das posições, permitindo também a explicitação das características mais significativas da personalidade psicopática tal como será considerada neste trabalho.

1.2 As Diferentes Concepções

1.2.1 Teorias Constitucionalistas

Historicamente, o primeiro conceito formulado se refere a uma perturbação moral de caráter hereditário. Esta posição é estabelecida por Pinel, que, em 1809, descreve uma forma de "mania sem delírio", termo que dá conta de uma anomalia degenerativa. Morel, na mesma época, emprega a expressão "folie des dégénéérés". Esquirol se refere a uma "monomania instintiva", inserindo-se na mesma linha de pensamento dos dois outros autores franceses, impregnado de ideologia e valoração. Esta concepção predominará na escola francesa durante todo o século XIX, influenciando ainda os trabalhos de Magnan sobre "degenerados" e "desequilibrados" em 1893, assim como os de Delmas, Duprê, etc..

Dentro da mesma idéia de distúrbio hereditário situa-se o pensamento de Fritchard, psiquiatra inglês que lança em 1835 o conceito de "moral insanity". Para este autor, os loucos morais se caracterizam pela falta de sentimentos, de capacidade de auto-controle e do mais elementar senso ético. São se-

res anormais, próximos da doença mental, mas num grau diferente. A visão de Pritchard influenciará a perspectiva dos autores anglo-saxônicos, que se orienta numa linha onde é enfatizado predominantemente o aspecto da perturbação das relações sociais. O enfoque principal se refere à não-incorporação dos valores morais vigentes e à conduta amoral, como se desprende por exemplo das concepções de Henderson, para quem o psicopata é anti-social e incorrigível (1939), de Cleckley (1950) que acentua predominantemente a incapacidade de criar laços afetivos, etc..

O criador do termo "psicopático" é Koch, autor alemão que publica em 1891 o livro "Die Psychopatischen Minderwertigkeiten" - as inferioridades psicopáticas. Koch rotula desta forma uma série de anormalidades congênitas ou adquiridas, inclusive a oligofrenia, que não constituem uma doença mental no sentido estrito. Ainda na Alemanha, Moebius, em 1900, introduz o conceito de psicopatía como uma variante da norma, no sentido "doentio": "eine krankhafte Spielart der Norm". Dá porém ao termo co_notação degenerativa.

Kraepelin, o primeiro a se referir, em 1904, a uma "personalidade psicopática", afirmou que a psicopatía é um campo intermediário entre os estados patológicos manifestos e os estados no limite das neuroses (Zac, 1977). Isolou alguns tipos de personalidade psicopática, considerando-os provisórios pelo seu caráter intermediário. Considerou a personalidade psicopática como uma forma frustrada de psicose, ou então como um desvio na direção normal do desenvolvimento.

A delimitação da psicopatia em relação à psicose foi objeto de grandes controvérsias. Num levantamento das principais posições, Alonso-Fernandez (1972, p.89 e segs.) assinala que entre as diferentes escolas psiquiátricas, é na alemã que se encontram os trabalhos mais relevantes a este respeito. Duas posições fundamentais caracterizam as idéias dos autores alemães: a aproximação das duas categorias, presente no pensamento de Kraepelin e também no de Kretschmer, ou uma radical diferenciação, característica das idéias de Jaspers e seus seguidores.

Kraepelin considera o patológico em termos de grau e valor: para ele, o patológico é um desvio dentro do ponto de vista da realização das metas gerais de um indivíduo, (Schneider, 1948), num grau suficiente para afetar a vida corporal ou psíquica. A psicopatia, dentro da concepção Kraepeliniana, constitui deste modo "um grau prévio de psicose".

Para Kretschmer, existem estágios transicionais possíveis, seja na linha esquizotímia-esquizoidia-esquizofrenia, seja na linha ciclotímia-cicloídiã-ciclofrenia, o que possibilita uma transição da normalidade à psicose. Alonso-Fernandez acentua alguns pontos importantes decorrentes da colocação de Kretschmer: 1) o tipo esquizóide, enquanto modelo de personalidade psicopática, representa apenas uma construção teórica; 2) a transição gradual da normalidade para a psicopatia é incontestável; 3) a transição da psicopatia para a psicose é controvertida. Segundo o autor espanhol, se não existem muitas possibilidades de aproximação com a psicose esquizofrênica, estas possibilidades são maiores em relação às psicoses de caráter ciclotímico.

A concepção de Jaspers a respeito de processo e desenvolvimento, formulada em 1913, delimita de forma mais abrupta o campo da psicose em relação às outras formas de distúrbios da personalidade, ou seja, em relação às neuroses e à psicopatia. Procurando esclarecer o problema da anormalidade, Jaspers (1963, pgs. 507 e segs.) mostra que o "anormal" não é uma comprovação efetiva, mas uma valoração. Uma forma mais objetiva de avaliar a normalidade seria o julgamento da personalidade a partir de algumas medidas de unidade. A partir das descrições de caráter encontradas na psiquiatria, seria possível distinguir-se entre duas espécies de personalidades: por um lado as "anormais", que são representariam uma disposição, comum a todos os indivíduos, afastada do termo médio - "as variações extremas da natureza humana". As personalidades propriamente doentes surgiriam, por outro lado, através da alteração de uma disposição anterior, em função da instalação de um processo patológico. A psicose, na concepção de Jaspers, contém sempre elementos formais incompreensíveis, traços qualitativamente diferentes da normalidade. O próprio aparecimento do fato psicótico é incompreensível do ponto de vista psicológico: as mudanças ocorridas em consequência da irrupção de um processo psicótico mostram algo novo, estranho e que não pode ser referido inteiramente à personalidade e às circunstâncias anteriores ao seu surgimento.

O que se pode verificar a partir de todas estas colocações, é que embora referindo basicamente a psicopatia a uma origem constitucional, os enfoques divergem quanto à conceituação da natureza do problema. Assinala Mayer-Gross (1954) que es

tas divergências se distribuem em três linhas principais: a degeneração constitucional, a variação em relação à norma (com ênfase seja no caráter, seja no comportamento anti-social); e finalmente, a aproximação da psicose. Foi a partir destas divergências que pôde, durante muito tempo, perdurar a grande confusão em relação ao conceito de psicopatia.

À medida que o conhecimento psiquiátrico foi evoluindo, o conceito de psicopatia como variante anormal do caráter, hereditária, congênita e pouco modificável, foi sendo ao mesmo tempo criticado e acatado, ao lado da aceitação de outros fatores como co-determinantes do quadro. Como ressalta Zac (1977, p. 23), "a confluência de elementos endógenos e externos que atuam sobre o ser humano como totalidade facilitou o enfoque de uma série de fatores que deviam ser considerados operantes para a eclosão da doença mental".

É assim que o conceito de "constituição" já aparece ampliado no trabalho de Kurt Schneider, publicado pela primeira vez em 1923. Analisando os diferentes pontos de vista anteriores ao seu trabalho, Schneider (1973) descarta a hipótese da constituição no sentido estrito, tal como se manifesta, por exemplo, no conceito de localização cerebral como determinante único da psicopatia. Atém-se porém ao aspecto "constitucional" no sentido de "totalidade do organismo, com suas funções espontâneas e reativas". A etiologia constitucional é, neste sentido, fundamental para o desenvolvimento da psicopatia, que passa a ser considerada por Schneider como produto de uma interação entre uma disposição inata e a experiência de vida. A introdução

deste aspecto de interação representa, talvez, o ponto mais importante da contribuição de Schneider ao desenvolvimento do conceito de psicopatia (Zac, 1977): é a partir desta colocação que a "anormalidade" passa a se referir à personalidade como um todo unitário, embora ainda dentro de uma visão que a limita aos "sentimentos, valores, tendências e volições".

Pela sua importância "histórica", a concepção de Kurt Schneider é sempre lembrada quando se aborda o tema da psicopatia. Uma revisão dos seus conceitos pode permitir que ao mesmo tempo se considere e se retenha os aspectos positivos da sua contribuição, e que se reforce a necessidade de uma nova definição. Paradoxalmente, como assinala Alonso Fernandez (1972, p. 91), "a construção schneideriana semcou a confusão a respeito do conceito de psicopatia, necessitando uma depuração profunda".

O trabalho de Schneider lança mão de dois tipos de conceituação: a psicopatia é considerada, numa linha kraepeliniana, em termos de grau e de valor.

Procurando dar status científico à noção de anormalidade, Schneider acentua a importância do critério estatístico, dando-se conta no entanto de que este não é suficiente para abarcar toda a noção de psicopatia. Por "anormais" entende ele caracterizar aquelas personalidades que mostram uma acentuação de certos traços de caráter, encontrados também, em grau menor, no resto da população - apenas então um desvio da média. Trata-se porém de um tipo de desvio que necessita ser qualificado valorativamente para dar conta da sua característica básica de "sofrer pela anormalidade, e por ela fazer sofrer a sociedade". Schneider

é levado a distinguir, como Jaspers, entre o anormal "positivo" representado pelos santos e pelos heróis, e o "negativo", onde, entre outros, figuram os psicopatas.

Schneider procurou delimitar as personalidades psicopáticas em relação à delinquência comum, às neuroses e às psicoses. Criticou as diversas tipologias elaboradas na Alemanha por autores como Gruhle, Tramer, Kahn, Homburger, Ewald, Schultz e Kretschmer, que procuravam estabelecer sistemas onde pudessem ser inseridos todos os tipos de casos, do normal ao patológico. Enfocando o desenvolvimento da personalidade a partir da interação do inato e do adquirido, distinguiu psicopatia de neurose através da predominância teórica dos fatores inatos e reacionais, respectivamente. Ao mesmo tempo em que acentuou o disposicional como base da personalidade psicopática, introduziu o aspecto adquirido, ou seja, a influência ambiental na constituição da psicopatia, o que constitui um importante avanço. A colocação de Schneider se torna porém confundidora na medida em que condiciona qualquer neurose à existência de uma base "psicopática".

Criticando esta posição, Alonso Fernandez (1972, pgs. 94-95) mostra que se trata de um critério dificilmente aceitável, já que há quadros neuróticos montados sobre fortes bases disposicionais e quadros psicopáticos nitidamente reacionais. Conclui que a ponderação das valências disposicional e vivencial é inoperante na diferenciação entre neurose e psicopatia.

Procurando deste modo estabelecer os limites que separam a psicopatia da neurose, Schneider não conseguiu portanto, explicitar o conceito de psicopatia. A partir da delimitação

do que o psicopata "não é": não é psicótico, não é neurótico, não é normal - fica difícil definir o que ele é. Schneider descreve dez tipos de personalidades psicopáticas:

hipertímicos - depressivos - inseguros de si - fanáticos - necessitados de estima - lâbeis - explosivos - desalmados - abúlicos - astênicos

mas a sua classificação é confusa na medida em que as categorias não são exclusivas, misturando-se e ainda modificadas pela inclusão de sub-categorias que sugerem que a nível de casos concretos o diagnóstico é impossível. A não-elaboração de um sistema impediu a clareza. Assim mesmo, existe um aspecto muito positivo no sentido de que as categorias são desprovidas de qualquer conotação de valor.

A visão da psiquiatria constitucionalista contemporânea reflete a influência da abertura iniciada por Schneider e não mais atribui à psicopatia uma causa plenamente hereditária; incorporou, como mostra Zac (1977, p.34) os novos conhecimentos relativos à aquisição dos traços psicopáticos na infância.

O questionamento mais recente sobre o tema da personalidade psicopática enriqueceu-se com novas perspectivas trazidas pela crescente influência, na psiquiatria, de conhecimentos relativos à estrutura e à dinâmica da personalidade, dos aspectos profundos do homem e da sua relação com os outros.

Muitas hipóteses têm sido levantadas sobre a natureza, as causas, as características da psicopatia, proporcionando novos elementos para uma explicitação do conceito.

1.2.2 O Enfoque Dinâmico e Estrutural

As contribuições de algumas das principais correntes atuais serão em seguida resumidas, na tentativa de se destacarem elementos que, articulados, possam dar uma base para uma conceituação da psicopatia em termos do funcionamento do homem em si mesmo e na relação com os outros.

1.2.2.1 Contribuições Fenomenológicas

Um dos principais críticos de Kurt Schneider é Alonso Fernandez (1972), que procura substituir a conceituação do autor alemão por uma visão estrutural da personalidade psicopática, da qual estabelece uma precisa descrição.

Revisando o trabalho de Schneider, destaca Alonso Fernandez cinco pontos principais de discussão, onde estão condensadas as idéias do autor. Propõe-se portanto discutir: 1) a origem disposicional exclusiva; 2) a concepção da personalidade psicopática como construção psíquica estável, prescindindo das dinâmicas psicológica e biológica; 3) a conceituação de psicopatia como caracteropatia, no sentido de representar uma anormalidade localizada nas tendências e sentimentos psíquicos e na vontade, ficando excluído o fundo "endotímico-vital"; 4) a atribuição de um mesmo fundamento psíquico estrutural a qualquer tipo de anormalidade, o que aproxima o psicopata "perturbador" dos indivíduos que sofrem por sua anormalidade; 5) a consideração da psicopatia como uma anormalidade tributária, não de tratamento médico, mas de uma atividade educacional e pedagógica.

Para Alonso-Fernandez, não se pode prescindir de considerar, no estudo da psicopatia, o papel do condicionamento psicológico em interação com os fatores inatos. Ressalta a importância das influências ambientais precoces, que acabam por integrar o próprio fundo "disposicional" do indivíduo. Considera que a distinção entre disposição e ambiente não pode ser estabelecida quando se trata do início do desenvolvimento da personalidade. Desta forma, acentua o papel, no estabelecimento da psicopatia, do "desenvolvimento reativo" enquanto interação entre o disposicional e o vivencial precoce ou tardio. Alguns desenvolvimentos psicopáticos se iniciam a partir de uma reação caracterológica, por exemplo, um protesto, oposição ou imitação. Apenas uma minoria de psicopatas apresenta o desenvolvimento de uma disposição "pura".

"O estado a que finalmente o psicopata acede é o resultado de uma interação global, no sentido de interferência ou potenciação, entre fatores biológicos e biográficos" (p. 98).

Esta interação só adquire porém todo o seu sentido para Alonso-Fernandez se o homem for considerado como uma totalidade. Para o autor, a anormalidade psicopática inclui necessária e fundamentalmente um distúrbio no plano somato-vital, ou seja, no plano involuntário e inconsciente, cujas manifestações podem se expressar em termos de "impulso", "tônus vital", e se referem basicamente ao "conceito-limite" entre o psíquico e o somático introduzido por Freud (1915).

Lopez Ibor (1966) assinala, como consequência da anomalia básica no plano inconsciente, a redução da liberdade na per-

sonalidade psicopática. O delinquente comum, que não quer aceitar as normas, se diferencia do psicopata que "não pode" incorporá-las. O problema da formação do caráter na psicopatia é função da falta de um "eixo interno", que, segundo Lopez Ibor, suporta a armação da personalidade, e que supõe a constituição de certos valores e atitudes a partir da vida social.

Procurando estabelecer a diferenciação entre neurose e psicopatia, Alonso-Fernandez vincula a dinâmica interna de cada uma destas entidades nosográficas a fatores dados a priori, que determinarão, em certos indivíduos, a formação de conflitos intra-psíquicos inconscientes, característicos do complexo neurótico, enquanto em outros surgirão perturbações de conotação social, como se os conflitos fossem jogados para fora.

A oposição entre o psicopático incurável, porque hereditário, e o neurótico adquirido e curável carece de sentido na formulação de Alonso Fernandez. Considerando a psicopatia como "uma estrutura doentia endotímico-vital" (p.104), o autor abre a possibilidade de delimitar e especificar o conceito.

A psicopatia deixa de ser, na colocação de Alonso Fernandez, simplesmente um distúrbio estático de caráter ou um comportamento anti-social, e passa a se caracterizar como um distúrbio que afeta a toda a personalidade, sendo os aspectos caracteriais simplesmente sintomas, ou manifestações "fenopsicopáticas" de uma base endotímica "criptopsicopática".

As descrições dos traços fenopsicopáticos são notavelmente coincidentes nos trabalhos dos diversos autores que abordaram o tema da psicopatia. Destacam-se: imaturidade, impermea

bilidade ao amor, ausência de culpa ou angústia manifesta, falta de consciência da própria anomalia e falta de consciência moral. O aspecto central em todas as descrições é a agressividade, que impregna, como mostra Alonso Fernandez (p.108), qualquer estado de ânimo do psicopata: sua tristeza; sua euforia ou sua excitação são sempre agressivas.

Outro aspecto fundamental é a ruptura da comunicação e do diálogo, que sem apresentarem uma quebra psicopática da relação com a realidade, se encontram intensamente comprometidos. A característica desta comunicação é uma extrema facilidade para os contatos superficiais e transitórios, sem que possa se realizar uma comunicação em profundidade. O psicopata seduz e conquista o outro apenas para manobrá-lo, e não consegue realizar a sua "demanda comunicativa", que permanece oculta por uma fachada.

A temporalidade do psicopata apresenta características peculiares: a capacidade de manejar experiências passadas, de "aprender com a experiência", é limitada, sendo difícil a aprendizagem social, assim como se fazem marcantes a falta de planejamento e o desequilíbrio, na necessidade de frequentes mudanças do panorama presente.

A luta contra a depressão é um fato comum entre os psicopatas, e assume a forma de fantasias, mitomanias, dispositivos paranóides, toxicomanias e atos delitivos.

A estrutura intelectual se caracteriza pela superioridade do desenvolvimento da inteligência prática sobre a inteligência verbal. Isto se desprende claramente dos resultados nos

testes de inteligência, particularmente na escala de Wechsler. A compreensão intelectual é melhor nas situações referentes a coisas imediatas.

A limitação verbal é geralmente compensada por uma expressiva gesticulação.

Na conceituação de Alonso Fernandez o diagnóstico de psicopatia se refere apenas aos indivíduos que apresentem estes traços estruturais típicos, inferidos através da observação clínica. O simples desvio da norma não é significativo por ele mesmo.

1.2.2.2 O Ponto de Vista Clínico Anglo-Saxônico

A psiquiatria anglo-saxônica dedicou-se principalmente ao estabelecimento de precisas descrições da personalidade psicopática, visando definir em termos clínicos uma categoria de diagnóstico, sem se preocupar essencialmente com a determinação de causas.

O trabalho de Cleckley (1950) aparece como um dos mais completos neste sentido. Para este autor americano, o problema se refere à falta de sintomas de psicose ou de qualquer outra perturbação dentro dos critérios psiquiátricos clássicos. Na maioria das doenças mentais, as manifestações podem ser observadas no paciente isolado dentro de uma situação clínica. Na psicopatia, o distúrbio só se evidencia quando as atividades do paciente se observam no seu desenrolar cotidiano. Enquanto um esquizofrênico, por exemplo, pode revelar seu problema numa entrevista verbal, pouco ou nada se pode inferir do psicopata numa si

tuação semelhante: ele pode dar uma excelente impressão inicial e só mostrar reações semelhantes às de uma típica doença mental através de uma longa observação.

Por mais manifesto que seja um psicopata, apresentará uma aparência de sanidade, "The mask of sanity". Frequentemente inteligente, é capaz de obter sucesso nos empreendimentos por tempos variáveis. É agradável, atencioso, aparentemente feliz, livre de conformismos e cheio de seguro fundamento em suas proposições. Não apresenta delírios demonstráveis, tem raciocínio lógico e capacidade teórica de prever as consequências dos seus atos. No nível das palavras aparece como alguém consistente, com firmes convicções e muita força para realizá-las. Carece aparentemente de tensões e ansiedade, ou quando surgem, as causas são externas: não há sentimento de culpa discernível. Ainda que dê a impressão de ser uma pessoa segura e responsável, o psicopata logo mostrará que não tem sentimento de responsabilidade; isto ocorre de maneira surpreendente, geralmente depois da confiança do outro ter sido conquistada. Com o decorrer do tempo, ele irá revelando a sua insinceridade, a falta de remorso ou vergonha, a falta de motivação para os atos praticados, a anti-sociabilidade, a pobreza do julgamento, a dificuldade em aprender com a experiência, a incapacidade para amar e o egocentrismo, a pobreza afetiva geral, a falta de insight, o fracasso em seguir qualquer plano de vida, enfim, uma série de traços que, desmascarados, darão ao observador a certeza de que se encontra diante de um sério quadro patológico.

Interrogando-se sobre o aparente paradoxo da conduta psicopática, Cleckley conclui que esta revela uma autêntica "mutilação" (disability) da personalidade, oculta pela máscara enganadora que o faz parecer-se com uma pessoa normal. Segundo Cleckley o psicopata é uma máquina sutil que mimetiza a personalidade humana. Simula emoções. Por isso, quando se trata apenas de falar sobre as coisas o seu funcionamento é perfeito. Mas como só é capaz de palavras vazias, o psicopata revelará a sua falha na ação, na própria vida. O significado das suas experiências fica truncado num componente essencial: a repercussão afetiva, que dá substância e realidade às vivências. Incapaz de sentir emoções, não pode ter convicções reais nem diferenciar o bem do mal; não pode sofrer nem aproveitar em termos significativos as consequências emocionais das suas experiências. Incapaz de chegar ao sentido de valor, será limitado em seu pensamento, que nunca chegará a ser um verdadeiro raciocínio, mas apenas "racionalização". Por isso, segundo Cleckley, não pode atingir uma dimensão especificamente "humana". O psicopata pode aprender a usar as palavras ordinárias, e, se for muito inteligente, até palavras muito eloquentes, que signifiquem, para os outros, vivências profundas. Pode reproduzir uma "pantomina do sentimento", mas o próprio sentimento não é vivenciado, e consequentemente não é reconhecido nos outros.

As contribuições descritivas representam um passo importante na delimitação conceitual da psicopatia. No entanto, suscitam também questões fundamentais: como é que alguém se torna psicopata, a partir de que causas, por que mecanismos? A ca-

A característica central do distúrbio se revela, através das descrições clínicas, relacionada com a base afetiva da personalidade. É neste sentido que os trabalhos da escola psicanalítica se mostram muito esclarecedores.

1.2.2.3 O Enfoque Psicanalítico

Antes de se passar em revista algumas contribuições importantes da escola psicanalítica à conceituação da psicopatia, é necessário lembrar as suas contribuições fundamentais para a compreensão da personalidade. Já foi visto que as concepções mais antigas, exemplificadas pela de Kurt Schneider, só incluía no conceito de personalidade os sentimentos, os valores e o aspecto conativo. Uma conceituação mais ampla pode dar conta de uma realidade bem mais complexa, incluindo fatores de fundamental importância para uma representação mais aproximada da totalidade da configuração da personalidade. A relação da esfera consciente com os aspectos profundos, inconscientes, permite ligar o psíquico ao resto do organismo e também à dimensão social, através das suas representações internalizadas. Trata-se, portanto, de incluir na configuração aparente, os níveis subjacentes, que se manifestam através dela. Nas palavras de Zac (1977, p.21), a teoria psicanalítica "permitiu o conhecimento dos problemas da articulação das emoções, pelo estudo das fantasias inconscientes, dos mecanismos de defesa, do superego como representante interno dos fatores sociais".

A partir desta perspectiva a anomalia do psicopata pode ser vista como decorrente de distúrbios no plano inconsciente, cujas repercussões chegam até o plano consciente, expressando-se em termos de afetos que sofreram todo um processo de modificação para as defesas utilizadas.

A primeira concepção psicogenética da psicopatia se encontra num trabalho de Aichhorn, "Verwahrloste Jugend", publicado em 1925, onde o autor liga a delinquência juvenil a perturbações na relação com os pais na infância, enfatizando a importância do fator afetivo na gênese do distúrbio.

Em relação à contribuição de Freud, pouca coisa se encontra em sua obra, a não ser sob forma de esboço, de idéias não desenvolvidas sobre o tema. Refere-se aos "criminosos por sentimento de culpa" (1916), distinguindo-os daqueles que cometem o crime sem culpa, ou por não terem desenvolvido padrões morais, ou por considerarem justificado seu ato. O "criminoso por sentimento de culpa" estaria procurando uma ligação da sua culpa, de origem inconsciente, com algo concreto, o que traria alívio. Refere-se também Freud aos pacientes que "atuam em vez de recordar" (1914).

Na mesma época em que Aichhorn publicou seu trabalho, Alexander, em estudo sobre o caráter neurótico (1930), colocou como traço característico da psicopatia a descarga, na conduta real, de impulsos alheios ao ego. Comparou a atuação de um impulso a um sintoma "aloplástico", provocando mudanças no ambien

te, em substituição à gratificação de tendências inconscientes (cit. por Fenichel, 1966, p.565-566).

Fenichel (1966) assinala que estes impulsos são "sintônicos com o ego", e que as frustrações do psicopata são determinadas pela fixação oral, responsável pela intolerância às tensões; o superego é incompleto ou patológico, e diante dele o ego reage de um modo que repete as ambivalências do psicopata em relação aos seus objetos primitivos.

O enfoque psicanalítico veio progressivamente aprofundando o conhecimento dos distúrbios da personalidade psicopática, precisando sua natureza e suas causas. Anna Freud (1944, 1971) desenvolvendo as idéias de Aichhorn a respeito das perturbações do vínculo emocional da criança com os pais, relaciona diversos fatores ligados aos distúrbios do processo de socialização: deficiência no desenvolvimento do superego, incorporação da dissociabilidade dos pais, desintegração da identificação com os pais pela separação, rejeição, etc.. Assinala também a transferência da situação infantil para a comunidade e a passagem do plano do pensamento para o da ação. Para Ph. Greenacre (1960) os psicopatas se caracterizam pela impulsividade, irresponsabilidade, intensidade e labilidade dos estados emocionais, superficialidade e "romantismo" das relações amorosas. Atuam sem planejamento e sem estimação das conseqüências; são incapazes de aprender com a experiência e não tem estimativa prática do tempo. Pretende esta autora indicar o caráter essencialmente defeituoso da consciência do psicopata, e localiza a origem dos defeitos numa "penetrante infiltração de produtos desfavoráveis

do narcisismo", que deforma o sentido de realidade e enfraquece a consciência.

Para B. Joseph (1973) o psicopata se caracteriza tipicamente por três aspectos: incapacidade de tolerar frustração e ansiedade, uma relação objetal dominada por sentimentos persecutórios e uma peculiar utilização de mecanismos de defesa, baseados na onipotência, na dissociação e na identificação projetiva e introjetiva.

Em continuidade com este enfoque de B. Joseph situam-se várias contribuições de psicanalistas argentinos, que a partir da década de 60 vêm apresentando grande interesse pelo tema da psicopatia, numa perspectiva em que se faz marcante a influência dos conceitos kleinianos.

Grinberg (1963) refere-se aos psicopatas, ou "impulsivos", como indivíduos que diante da dificuldade para manejar a culpa no plano mental, tentam fazê-lo através da ação. Suas condutas versáteis tendem a satisfazer imediatamente seus desejos, que não suportam adiamento. Não têm responsabilidade nem sentido ético; às vezes são cruéis e inescrupulosos. Seus impulsos, devido à labilidade do ego, são irresistíveis, porém sintônicos com o ego. O significado latente da atuação psicopática para Grinberg implica uma tentativa de negar uma culpa, insuportável porque não elaborada e de natureza persecutória, fazendo-a recair sobre os outros. Em outra obra (1971) Grinberg relaciona a psicopatia com um distúrbio do aspecto social da identidade.

Para Liberman (1962), que enfoca a psicopatia através da comunicação na relação analítica, o psicopata se caracteriza pela impossibilidade de pensar independentemente da ação, que substitui o pensamento: o psicopata passa quase sem transição da percepção à ação, utilizando a linguagem verbal apenas como instrumento para manejar os outros. Tem alterado o processo da formação de símbolos.

Zac (1964) assinala como fatores centrais no estabelecimento da conduta psicopática experiências traumáticas no nascimento e na lactância, associadas a particularidades características do grupo familiar, o que perturba o processo de maturação e integração do ego, que "mutilado", não pode se desenvolver adequadamente, incapaz de discriminar os objetos e unificá-los. A perturbação da identidade e a regressão a níveis primitivos da personalidade (posição esquizo-paranóide) acrescentam-se ainda defesas características centralizadas na identificação massiva com o objeto idealizado onipotente (introjetado) e na projeção de uma parte do ego e da culpa sobre um parceiro simbiótico capaz de atuar estes aspectos não admitidos.

Zac ressalta que a coincidência da pauta individual com a familiar e a social é um fator importante para a estruturação definitiva do estereótipo psicopático: a estrutura endopsíquica básica do psicopata resulta da interação da criança com o meio familiar e social.

Bleger (1977) coloca como características da psicopatia o desenvolvimento deficiente da área mente, a indiferenciação corpo-mundo, a falta de insight, a multiplicidade e alter-

nância dos depositários das partes primitivas e fragmentadas da personalidade ou "núcleo aglutinado" (projetadas nos depositários), a limitação do sentido de realidade e a falta de introjeções. Liga a psicopatia ao tema da simbiose, que consiste numa estreita dependência entre duas ou mais pessoas que se complementam e assim mantêm controladas, imobilizadas e, até certo ponto, satisfeitas as necessidades das partes mais imaturas da personalidade, que exigem condições dissociadas tanto da realidade como das partes mais maduras ou mais integradas da personalidade.

Num simpósio realizado na Argentina em 1964 sobre o tema "Mania e Psicopatia", algumas novas contribuições surgiram em relação a problemas teóricos gerais ou a aspectos mais específicos tais como identificação projetiva, comunicação, simbolização, personificação. Zac (1977) resume algumas das principais idéias apresentadas em relação à determinação do conceito de psicopatia.

Procurando compreender a psicopatia do ponto de vista psicanalítico, Liberman enfoca três pontos que considera como centrais: relações da psicopatia e dos dois princípios do suceder psíquico enfatizando a predominância do princípio do prazer, utilização das outras pessoas como depositárias; e a estrutura caracterológica governada pelos instintos. Correlaciona também as perturbações da comunicação com os estados de tédio, que são causa e efeito do estado psicopático no sentido entendido por B. Joseph (1973), ou seja, como manejo de ansiedades e impulsos por defesas específicas. Destaca os fracassos na posi-

ção depressiva, a perda da capacidade de usar o pensamento verbal como ação de ensaio e as tentativas do ego para se livrar dos efeitos da impaciência e do desespero, através da identificação projetiva e do controle onipotente do depositário, captando seu ideal do ego.

A contribuição de Zac se refere à descrição da estrutura endopsíquica básica do psicopata, resultante da interação da criança com o meio familiar e social em geral durante o desenvolvimento. Destaca a organização dos aspectos psicopatológicos fundamentais a partir da "situação confusional" (indiferenciação entre mundo interno e externo), e o déficit na estruturação do ego.

No mesmo Simpósio, enfim, Ferschtut e Serebriany assinalam que o psicopata recorre ao pseudo-símbolo, ou seja, um produto do processo primário (equação simbólica) com aparência de processo secundário (símbolo).

Lieberman (1971) acentua também a alteração do processo de formação de símbolos, e a polarização da comunicação na função conativa, na tentativa de se apoderar da vontade do interlocutor (cit. por Zac, 1977, pg.55).

Resumindo as principais contribuições da escola psicanalítica ao estudo da psicopatia, Zac (1977) destaca a importância dos distúrbios impulsivos e sua relação com o narcisismo e o processo primário. Focaliza o problema não em termos do impulso em si, mas do seu controle.

1.3 Conceitos Etiológicos

1.3.1 Influência do Fator Hereditário

Durante muito tempo a psicopatia foi considerada como resultado de um defeito hereditário. Muitos estudos procuraram verificar esta hipótese, estabelecendo correlações entre psicopatia e características familiares. Levantamentos feitos por Ey (1970, pg. 365-66) e por Zac (1977, pg. 61-64) incluem trabalhos pioneiros como o de Jukes (1915) e o de Partridge (1928). Entre os mais relevantes estão os que serão resumidos a seguir.

Kallman (1930) sugeriu que o grau de parentesco sanguíneo não determinaria a incidência da psicopatia isoladamente. Lange (1931) estudando 13 pares de gêmeos, encontrou em 10 pares concordância quanto ao fator criminalidade. Rosanoff (1934, 1941) encontrou distúrbios de conduta e criminalidade em 340 pares de gêmeos. Em 1936, Stumpfl e Kranz assinalaram a importância dos fatores genéticos e de ambientação em grupos de gêmeos univitelinos e fraternos, separados na infância e criados de formas diferentes. Observaram marcante semelhança nos testes de personalidade e nos exames clínicos, assim como no aspecto intelectual.

Em 1943, Slater concluiu que os fatores genéticos são parte importante do desenvolvimento da personalidade, mas que os motivos ambientais são os principais determinantes do aparecimento de sintomas. Em nove pares de gêmeos neuróticos e psicopatas, Slater encontrou apenas dois pares com traços de personalidade semelhantes. Concluiu que os distúrbios emergem de ba

ses genéticas, mas que o meio é o principal determinante dos sintomas específicos.

1.3.2 Importância do Fator Neurológico

Alguns autores, como H. Ey (1970, pg. 365) admitem a disfunção cerebral como um dos fatores determinantes de personalidade psicopática. Lembra Ey que a observação de casos ocorridos após a epidemia de encefalite de 1920 proporcionou dados significativos a este respeito, aos quais se juntam outros, posteriores. Os dados do EEG, embora não constituam uma explicação para os distúrbios do comportamento do psicopata, contribuem de modo relevante para reforçar a hipótese do comprometimento cerebral. Grande número de psicopatas apresenta traçados anormais, imaturos; a proporção é maior do que entre o resto da população normal.

Entre os estudos (citados por Zac, 1977) que correlacionaram comportamento psicopático e fator neurológico estão os de Alpers (1966), que correlacionou o comportamento agressivo aumentado e tendências anti-sociais com lesões da área hipotalâmica; Henderson (1939) que observou a transformação do comporta-mento após encefalite, epilepsia e coreia; L. Bender (1942) que observou o aumento de agressividade e diminuição de culpa em pacientes pós-encefalíticos; Hill e Watterson (1942) que encontraram uma significativa percentagem de EEG anormais num grupo de psicopatas agressivos, em comparação com um grupo não-agressivo. Ostrow e Ostrow (1946), concluíram porém que, apenas o padrão eletroencefalográfico é insuficiente para configurar o tipo de anormalidade da personalidade.

Embora não concluentes, muitas investigações mostram uma probabilidade de ocorrência de EEG anormal maior entre os psicopatas do que na população normal; outras contudo, mais recentes, têm sugerido que a incidência de anormalidade no EEG pode não ser significativa. Entre estas, situa-se a pesquisa de McCord e McCord (1959) que não encontraram nenhuma correlação entre crime e circunstâncias traumáticas de nascimento (prematuros, partos difíceis, etc.).

1.3.3 Efeitos da Privação Afetiva

Para Alonso Fernandez (1972, pg.115), "um ambiente familiar presidido pelo amor constitui a melhor defesa psicológica contra o desenvolvimento e a atualização da disposição psicopática (...). A privação afetiva pode fazer de uma criança um psicopata, mesmo na ausência de fatores hereditários".

A importância dada aos fatores ambientais, entre os quais se destaca o relacionamento familiar, vem crescendo nas concepções etiológicas da psicopatia, reforçada por inúmeras evidências.

Num minucioso levantamento das pesquisas relativas ao assunto, Zac (1977) apresenta os resultados obtidos por diversos autores, desde Partridge em 1928, até trabalhos contemporâneos, que correlacionam diversas situações de rejeição e abandono com o desenvolvimento de agressividade aumentada, comportamentos delinquentes, anti-sociabilidade, etc..

Entre os mais significativos estão os trabalhos de McCord e McCord (1933) que correlacionaram rejeição materna e agressividade em meninos; Lowry (1940) que encontrou em crian-

ças, institucionalizadas nos três primeiros anos de vida: impossibilidade de se relacionar, imaturidade, agressividade e anti-sociabilidade; Lindner (1944), que encontrou em oito psicopatas criminosos analisados a relação entre tratamento brutal por parte dos pais e interrupção do desenvolvimento psicosexual antes da resolução do complexo de Édipo, o que impediu a identificação e a estruturação de um superego estável. Numerosos psicanalistas estabeleceram a relação entre conduta psicopática e causas situadas na primeira infância ou em posteriores experiências infantis. Alexander (1930) concluiu que na psicopatia há uma veiculação de conflitos inconscientes através da conduta. Bowlby (1946), estudando 44 ladrões juvenis, constatou a importância da privação materna como fator determinante do desenvolvimento do caráter delinqüente; L. Bender (1947) concluiu que a privação emocional nos três primeiros anos conduz à psicopatia; Spitz (1951), K. Friedlander (1947), Rabinovitch (1950), Craft (1959), McCord (1956), etc. chegaram a conclusões semelhantes, através do estudo de casos de adultos abandonados na infância, de crianças institucionalizadas ou de famílias problemáticas, etc..

Um estudo de Anna Freud e D. Burlingham (1944) com crianças separadas dos pais ou privadas de amor, revelou deficiências no desenvolvimento da consciência e falta de identificação com os adultos. Concluíram as autoras que, sem vínculos emocionais, as crianças não podiam internalizar as restrições dos adultos.

De um modo geral, há uma concordância entre os estudos em relação à influência de atitudes dos pais sobre o apare-

cimento de traços psicopáticos nos filhos. Entre as características dos pais, sobressaem-se: crueldade, negligência, hostilidade, passividade.

1.4 Definição de Psicopatia

A partir do que foi visto, será em seguida elaborada uma síntese, na tentativa de definir mais explicitamente o conceito de psicopatia. Como já foi dito anteriormente, durante muito tempo foi difícil estabelecer uma caracterização precisa de "psicopatia", capaz de delimitar esta entidade nosográfica em relação a outras. O conhecimento progressivo dos processos subjacentes à conduta observável, ou seja, dos conflitos inconscientes, das defesas, etc., tornou paulatinamente possível uma maior explicitação. Acentua Zac (1977, pg. 84) a importância também dos elementos relacionados com a dimensão social.

Serão colocados a seguir os elementos que parecem, a partir das colocações dos diferentes autores, mais marcantes, pela coincidência nas observações de muitos apesar das diferenças das posições teóricas e dos enfoques adotados.

Inicialmente o psicopata chama a atenção por um tipo especial de conduta, assinalada por vários autores. Desta podem se destacar alguns traços particularmente significativos: impulsividade e instabilidade, intolerância à frustração, falta de responsabilidade e previsão, ausência de sentimentos de notando amor e culpa. Predomina de modo notável a agressividade. O problema da conduta anti-social decorrente de todos estes fatores é agravado pela dificuldade em se modificarem os

comportamentos por recompensas ou castigos, já que a experiência é pouco, ou nada, aproveitada. Destaca-se ainda, como traço significativo, a "máscara de saúde" que encobre, nas primeiras aproximações, as falhas do psicopata, sugerindo adaptação, comunicabilidade e frequentemente grande simpatia. Em função disto o comportamento do psicopata pode parecer absolutamente incompreensível e paradoxal ao observador desprevenido, envolvido na sua rede de sedução e manobra.

É típica, no psicopata, a conduta de ação. Seu comportamento é aloplástico e concreto: visa modificar o meio externo, colocar as suas coisas para fora, nos outros, nas situações. Acentua Trillat (citado por Cassiers, 1968) a característica vingativa destas atuações, provocadoras de surpresa e medo no outro. Além de cair em repetidas atuações não precedidas de pensamento, o psicopata possui uma especial habilidade para fazer os outros atuarem.

O sentido de realidade na conduta psicopática, enfim, se encontra nitidamente comprometido. Cleckley enfatiza o abuso das "racionalizações" em detrimento do "verdadeiro pensamento", ou seja, de um raciocínio adequado às condições reais. Embora possa chegar a ser brilhante, o pensamento do psicopata é incapaz de guiar ou moldar satisfatoriamente a ação. Parece ficar faltando justamente a função, que segundo Piaget (1966) define basicamente a inteligência, de "adaptação ao real" como relação fundamental entre o pensamento e as coisas. Os distúrbios do pensamento constituem segundo muitos autores um aspecto essencial da psicopatia, e serão retomados mais adiante.

Em termos estruturais, a personalidade psicopática tem características predominantemente narcisistas. Seu desenvolvimento revela profundas marcas adquiridas em etapas primitivas da vida, que impediram a integração e a progressiva adaptação nas fases posteriores. O predomínio de fantasias destrutivas, perturbando o processo de identificação e de diferenciação entre eu e não-eu, acarreta por outro lado o aparecimento de fortes defesas baseadas na onipotência, dissociação e identificação projetiva, com a finalidade de manter um frágil equilíbrio, "evitando a irrupção da psicose ou da criminalidade", segundo B. Joseph (1973, pg.116). Kernberg (1973) acentua o papel da deterioração das funções do superego. Na impossibilidade de estabelecer relações objetais normais no início do seu desenvolvimento, o psicopata apresenta um desenvolvimento cognitivo capaz de compensar em parte a falta de objetos internos bons, a ponto de promover uma diferenciação dos limites do ego e a prova de realidade num sentido restrito. Mas não compensa a incapacidade para estabelecer relações objetais interpessoais e, particularmente, intra-psíquicas. A isto, segundo Kernberg, se acrescenta uma "deterioração narcisista" das relações objetais internalizadas na etapa mais primitiva do desenvolvimento. O ego do psicopata é primitivo, onipotente e sem piedade para defender-se de reações de raiva difusas. Apresenta projeções paranóides que refletem a indiferenciação nas relações objetais. Conclui Kernberg que na história do psicopata existem desenvolvimentos potencialmente psicóticos.

O quadro psicopático pode ser visto como uma estruturação defensiva da personalidade, encobrindo uma profunda falha,

caracterizada por perturbações da identidade, das relações sociais e da comunicação. Grinberg (1971) acentua os distúrbios do "vínculo de integração social" da identidade, que decorre do estabelecimento de relações objetais e das identificações decorrentes. O desenvolvimento defeituoso do pensamento e da simbolização, repercutindo em todas as situações inter e intra-pessoais, aparece como um traço fundamental. Zac (1977, pg. 90) procurando resumir a definição de psicopatia em quatro "pontos mínimos", destaca a grande dificuldade de utilização do pensamento como ação de ensaio, correlacionando isto com a incapacidade de tolerar frustrações, a conduta aloplástica e a incapacidade para instrumentar a angústia.

Esta dificuldade para "pensar" será enfocada a seguir mais especificamente, na medida em que pode ser considerada um denominador comum para diversos traços da conduta psicopática.

CAPÍTULO 2

DISTÚRBIOS DO PENSAMENTO NA PERSONALIDADE PSICOPÁTICA2.1 Afeto e Pensamento

As observações de Cleckley (1950) sobre a ausência de significado afetivo nas experiências do psicopata destacam este fator como base de uma série de traços da personalidade psicopática. É "aprendendo com a experiência" que a pessoa normal adquire ao longo do tempo a sua consistência. Privado desta aprendizagem, o psicopata é levado a desenvolver impulsividade e irresponsabilidade, em correlação com a incapacidade de sentir culpa e uma insensibilidade geral, expressões de um déficit do sentimento de continuidade e da própria identidade (Grinberg, 1971).

De acordo com Liberman (1962), cujas contribuições teóricas aprofundam as observações clínicas de Cleckley, o psicopata não tem a possibilidade de reconhecer sua identidade na comunicação com seu passado, e dá à realidade um sentido particular, que é desvinculado das suas experiências anteriores. Não pode articular o presente com o passado, o que impede uma coordenação entre a experiência e a sua relação com a realidade.

Isto se deve, ainda segundo o autor argentino, a uma limitação da capacidade de utilizar os símbolos verbais "instrumentalmente" (1966, pg. 156). No psicopata não se forma um nexo entre a linguagem verbal e a tensão de necessidade, o que impede que esta seja expressada e elaborada tanto no plano intrapessoal como em nível interpessoal. A origem disto se situaria na etapa do desenvolvimento em que a criança aprende a conectar

a palavra com o desejo. Deste modo, o psicopata se encontra fi
xado numa etapa da sua evolução na qual percebe a tensão de ne-
 cessidade, mas não pode decodificá-la em termos verbais e trans
mitir a mensagem em termos adequados, de modo a poder se fazer
 compreender e ajudar, pelos outros, a satisfazer a necessidade
 verbalizada. É importante lembrar aqui, o processo de verbaliza-
 ção "transforma" as necessidades, elaborando os afetos a elas
 ligados, através da função simbólica. Green (1970, 1973) pro-
 põe um esquema muito claro para o entendimento deste processo:
 partindo da concepção psicanalítica que toma a pulsão como fon-
 te do afeto, é possível dividir-se a representação psíquica da
 pulsão em dois componentes: uma parte energética, ligada ao ato,
 que é o afeto, e uma representação, ligada à percepção. A evo-
 lução da representação se processa numa linha que vai da mais
 remota fantasia corporal (S.Isaacs, 1952) à linguagem; paralela-
 mente a evolução do afeto vai dos "estados brutos" às "nuances",
 que dependem da atuação do ego sobre o afeto, através da ativi-
 dade de ligação da energia, dos mecanismos de defesa e das re-
 pressões. De acordo com Fenichel (1966), à medida que a crian-
 ça vai aprendendo a controlar sua motilidade, as simples reações
 de descarga vão sendo substituídas por atos dotados de um propó-
 sito, o que permite um adiamento da reação e o aumento da tole-
 rância à tensão. Originariamente simples "síndromes arcaicas de
 descarga", os afetos vão sendo, à medida que o ego se desenvol-
 ve, "domados" e utilizados para as finalidades do ego.

O pensamento surge, segundo Freud (1911), justamente com
 a finalidade de ajudar a suportar o aumento de tensão decorren-

te da frustração quando a descarga afetiva é adiada, na vigência do princípio de realidade. Entre os autores que posteriormente desenvolveram esta linha encontram-se Bion (1966) e Rapaport (1965), cujos trabalhos permitem uma compreensão da origem e das condições de desenvolvimento do pensamento. Zac (1977,pg. 257) baseado nestes autores, apresenta uma síntese de suas idéias, relatadas a seguir.

O processo pode se traduzir da seguinte maneira: no predomínio do princípio de prazer, no início da vida, desenvolve-se um esquema básico de conduta que consiste em restabelecer o equilíbrio, cada vez que surge uma situação de desprazer, ou sofrimento, através de um objeto gratificante - basicamente o esquema fome - ação de sugar o seio. Quando o objeto gratificante está ausente e a descarga de tensão não pode ser efetuada, emerge uma imagem alucinatória deste objeto. Duas possibilidades podem ocorrer: 1) estruturação das marcas mnêmicas (engramas) das pulsões como idéias, ou 2) descarga afetiva; de qualquer forma, isto implica a existência de uma estrutura psíquica primária capaz de funcionar como um controle das descargas de energia. As experiências que implicam demora se acumulam sob forma de engramas mnêmicos, cuja organização estaria centrada em torno dos impulsos, dos quais constituem representações.

Este processo de pensamento se conceitua como "processo primário" e se baseia portanto numa organização pulsional da memória. O aumento da tensão impulsiva pode gerar seja repressão, seja "ligação". A crescente complexidade das estruturas psíquicas resulta numa nova organização da memória, com o esta-

belecimento de conexões entre idéias ligadas a impulsos diversos, que ocorrem durante a busca do objeto gratificador, e que aos poucos vão tomando a forma das conexões da realidade (por espaço, tempo, similitude, contigüidade). A partir da organização impulsiva original se desenvolve uma estruturação diferente, correspondendo ao processo secundário.

Segundo Bion, nas primeiras etapas do desenvolvimento não há pensamento, mas "protopensamentos" que se relacionam com a "coisa em si". A origem do pensamento estaria em preconcepções (conhecimento a priori), ligadas a experiências emocionais de satisfação. Havendo suficiente capacidade para tolerar uma frustração, a pre-concepção se tornaria pensamento (conceito). Concomitantemente se desenvolve um aparelho para pensar. Se não houver capacidade para tolerar a frustração, ocorrerá uma "fuga" da mesma: a ausência de objeto gratificador, em vez de se tornar pensamento, se torna um "objeto mau", que necessita ser evacuado - o que dá lugar a um desenvolvimento excessivo da identificação projetiva: o "pensar" se reduz a um mecanismo psíquico para se livrar de objetos internos maus, com prejuízo da sua função essencial de compreensão e busca de soluções para os problemas da realidade.

O conceito de identificação projetiva, e particularmente identificação projetiva patológica torna mais fácil a compreensão deste processo, tal como se desprende dos trabalhos de diferentes autores que têm desenvolvido as idéias de Melanie Klein (Bion, 1966; Grinberg, 1968; B. Joseph, 1973; Bleger, 1977).

Faz-se portanto necessário definir identificação projetiva, precisando a sua função no desenvolvimento do ego. Isto exige porém uma rápida situação deste conceito no conjunto das contribuições trazidas por M. Klein. A exposição a seguir tentará focalizar alguns pontos importantes para a compreensão dos distúrbios do pensamento.

As investigações de Melanie Klein se estenderam por cerca de quarenta anos (da década de 20 até sua morte em 1960), procurando alcançar os estágios mais primitivos da vida psicológica, através da observação de crianças pequenas e bebês; levaram à formulação de conceitos que muito aprofundaram o conhecimento do desenvolvimento da personalidade, desde as suas primeiras fases, e caracterizaram o fato da permanência, pela vida afora, das configurações específicas de relações objetais, ansiedades e defesas características destas etapas iniciais (esquizo-paranóide e depressiva). Nota H. Segal (1975) que M. Klein escolheu o termo "posição" para dar ênfase ao fato de que os fenômenos descritos não eram apenas estágios passageiros ou "fases", mas padrões duráveis, permanecendo ativos mesmo após a superação de uma fase por outra no decorrer do desenvolvimento.

"A posição depressiva nunca supera completamente a posição esquizo-paranóide; a integração alcançada nunca é completa, e, além disso, as defesas contra o conflito depressivo provocam uma regressão aos fenômenos esquizo-paranóides, de modo que o indivíduo pode estar sempre oscilando entre as duas posições. Nos estágios posteriores, pode-se lidar com os problemas surgidos (...) dentro de um padrão esquizo-paranóide, ou depres

sivo, de relacionamentos, ansiedades e defesas (...). O modo como as relações de objeto são integradas na posição depressiva permanece a base da estrutura da personalidade" (pg. 11).

A evolução do ego da instabilidade à integração durante o processo de amadurecimento se expressa, na personalidade normal, pelo estabelecimento de relações mais estáveis com a realidade, num sentido de crescente adaptação. À medida que vão se desenvolvendo os processos de integração, iniciados com o surgimento da posição depressiva (na primeira metade, ainda, do primeiro ano de vida), torna-se possível cada vez mais a utilização de mecanismos produtivos de adaptação à realidade; desenvolve-se assim a capacidade de utilizar os dados da realidade em proveito do crescimento pessoal, ao mesmo tempo que se torna possível uma ação eficiente sobre esta realidade através da reparação, da sublimação, da criatividade.

Antes de aceder a este nível o ego passa porém por fases de intensa desorganização durante as quais necessita recorrer a defesas primárias e radicais, na proporção da intensidade dos sentimentos "em estado bruto" característicos dos primórdios da estruturação da personalidade.

Exposto, desde o nascimento, à ansiedade decorrente do conflito entre instinto de vida e instinto de morte, assim como à ansiedade provocada pela ação da realidade externa, o ego primitivo se vê diante da necessidade de desenvolver mecanismos de defesa fundamentais: divisão do objeto e do ego, projeção e introjeção, cuja finalidade é desviar o instinto de morte para o exterior e manter no ego o objeto bom, capaz de protegê-lo da

destruição e de promover o seu desenvolvimento. A divisão é possível pelo fato de que, nos estados de gratificação, os sentimentos de amor se voltam para um objeto gratificador, enquanto nos estados de frustração, a ansiedade e o ódio se dirigem para um objeto sentido como frustrador - apenas numa etapa posterior (posição depressiva) ambos sentimentos poderão ser atribuídos a um mesmo e único objeto. A divisão do objeto se liga a dois mecanismos básicos: a idealização, ou exagero dos aspectos bons do objeto, e a negação dos seus aspectos maus; esta negação da existência do objeto mau, assim como de toda a situação de frustração e dos sentimentos a que ela dá origem, implica a negação da realidade psíquica através de uma forte onipotência, "uma característica essencial da mentalidade primitiva" segundo M. Klein (1969), que acentua que não apenas um objeto e uma situação frustradora são negados, mas uma relação objetal; isto acarreta a negação da parte do ego da qual emanam os sentimentos para com o objeto. A onipotência é também fundamental para o processo de idealização.

A partir da projeção original do instinto de morte se desenvolve ainda outro mecanismo de defesa extremamente importante na fase inicial do desenvolvimento: justamente a identificação projetiva, que pode ser caracterizada como a expulsão (split off) e projeção sobre, ou, como prefere dizer M. Klein (1969), "dentro" do objeto externo, de partes do eu e dos objetos internos "formados a partir dos desejos e necessidades do indivíduo em relação a outras pessoas e das suas reações a estas, enquanto objeto dos seus desejos" (J. Rivière, 1955). O

objeto externo se torna então "possuído" e controlado pelas partes projetadas, havendo uma identificação dessas partes com o objeto. Melanie Klein relaciona este mecanismo com o surgimento de impulsos anais e uretrais paralelamente ao predomínio dos impulsos orais que moldam o processo da introjeção, ou assimilação do objeto ao eu. Ao "comer" se opõe o "expelir", padrão da identificação projetiva; pela qual os impulsos e partes do eu passam a fazer parte do objeto externo, depositário sentido como uma parte do eu.

Sob condições desfavoráveis, a identificação projetiva é usada porém de um modo diferente do que ocorre no desenvolvimento normal. Bion descreveu as características desta identificação projetiva patológica, em condições de maior intensidade dos impulsos agressivos e da inveja. Contrariamente ao processo de projeção normal, em que as partes projetadas permanecem inalteradas e podem ser reintegradas ao ego, no desenvolvimento patológico as partes projetadas são desintegradas, transformando o objeto, por sua vez, em partes fragmentadas. Em consequência disto, não há uma "divisão ordenada" (tidy split) entre um objeto bom e um objeto mau. O objeto é percebido como dividido em pedaços, todos eles contendo uma parte diminuta e hostil do ego. A experiência da realidade sendo sentida basicamente como uma ameaça, provoca ódio e a tentativa, por parte do ego, de se desfazer de toda percepção: assim, o ego se destrói ao mesmo tempo em que visa destruir o objeto. O processo desintegrador que transforma o objeto em pedaços ("objetos bizarros") danifica também o ego. Em consequência estabelece-se um círculo vicioso que

leva a um empobrecimento cada vez maior do ego e a uma percepção cada vez mais persecutória da realidade.

O ataque à realidade por identificação projetiva se relaciona com outro processo, descrito por Bion como "attacks on linking" (1959) - ataques aos vínculos, em que qualquer vinculação percebida entre os objetos, é atacada. H. Segal (1975, pg. 69) assinala que desta forma "são atacados e quebrados os vínculos entre o eu e o objeto (externo e interno) e entre várias partes do eu". Destaca em particular a ruptura entre as funções de sentir e pensar como consequência do ataque aos vínculos.

Na personalidade psicopática predomina a necessidade de atuar e promover a atuação de papéis, como "índice de um déficit da comunicação no plano simbólico" segundo as palavras de Bleger (1977, pg. 23). Parecem faltar elementos intermediários capazes de estabelecer uma relação adequada entre uma necessidade e seu objeto, através de uma conexão entre as representações psíquicas da realidade e a própria realidade. Liberman (1962, pg. 158) mostra que deste modo não ocorre, diante das situações, uma elaboração de avaliações pelo cotejo dos dados da realidade e da informação resultante da experiência: inadequadamente armazenada, esta informação é inacessível sob a forma de representações verbais conectadas com elementos afetivos, que possibilitaria sua utilização como pensamento.

Esta limitação se deveria ao fato de terem ficado incompletos, durante o desenvolvimento, certos elos no processo de utilização dos símbolos, capazes de permitir a liberação do pen

samento acerca de uma ação, em relação à ação em si mesma.

Bion (1966) postula uma "função alfa" como hipótese na análise dos distúrbios do pensamento: esta função permitiria o processamento e o aproveitamento das experiências sensoriais e emocionais, quando a função alfa fracassa, as experiências não podem ser processadas e se transformam em "elementos beta" ou "fatos não digeridos" que não podem ser utilizados em termos de pensamento, prestando-se apenas para serem evacuados através da ação ou da identificação projetiva. Os elementos beta não seriam sentidos como "fenômenos" mas como "coisas em si", no sentido kantiano de conhecimento através de uma elaboração. Seriam por isso apenas manipuláveis através da ação, eventualmente substituída por palavras e idéias mas sempre no sentido manipulativo - em relação a isto, Bleger (1977) utiliza o termo "mentar" em oposição a "pensar", para caracterizar a representação mental de objetos sem independência da ação. Este processo é claramente exemplificado no caso, citado por Bion, do indivíduo que, para se sentir livre para amar, teria que matar efetivamente seus pais reais, na tentativa de evacuar os pais anti-sexuais.

Desta forma surge a impossibilidade de se proceder a uma escolha de metas adequadas que conduzam aos objetos capazes de satisfazer as necessidades. A impossibilidade de pensar antes e independentemente da ação confere a este um caráter irrefreável, violento e grosseiro: o ato psicopático corresponde, segundo Green (1970) a um curto-circuito na realidade psíquica, cuja única finalidade é a descarga de tensão.

Para Zac, a patologia do pensamento na psicopatia se refere à incapacidade para instrumentar o pensamento racional a serviço de um planejamento baseado no passado e no presente. Em vez disso, instrumenta o pensamento como uma atuação, "pensando por meio da ação". Identifica projetivamente uma situação intrapsíquica persecutória, intolerável. Predomina o processo primário, emocional, pré-lógico, regido pela necessidade de descarga e não inibido na busca da satisfação imaginária de desejo (1977, pg. 274).

Segundo Green (1970), na predominância do princípio de prazer, o afeto é simples válvula de escape para as tensões. Com o estabelecimento do princípio de realidade, as descargas podendo ser adiadas pela ligação dos afetos através do pensamento, torna-se possível o aparecimento de uma hierarquia de valores capaz de promover o desenvolvimento, a partir das pulsões, dos interesses e das escolhas.

Impedido de utilizar o pensamento como instrumento para uma satisfação autônoma de necessidades, o psicopata se encontra permanentemente frustrado, e em consequência, como mostra Zac (1977, pg. 273) necessita inverter a situação, convertendo os outros em prolongamentos da sua própria vontade. Necessita também vingar-se das frustrações e toda a sua visão distorcida da realidade é polarizada por esta necessidade. Desta forma o passado não é um conjunto de experiências sobre as quais possam se basear o presente e o futuro, mas apenas um conjunto de frustrações que justificam os desejos de vingança. A vida se transforma assim numa repetição que cada vez mais aumenta a

dificuldade de "aprendizagem com a experiência" e o enriquecimento cognitivo.

Na carência constante de um objeto inacessível, o psicopata manifesta um tipo de depressão caracterizada por Liberman (1966) como "tédio". Este estado reflete a deficiência das funções de avaliação e de comunicação intra-pessoal; em condições normais, os processos de síntese e descarte do pensamento verbal permitem a realização de avaliações da comunicação, pela elaboração das mensagens recebidas, e revestem de energia (libido) as áreas receptoras e motoras: assim se criam o interesse e a disposição para a ação produtiva, capaz de conduzir ao objeto necessitado. No estado de tédio, a incapacidade de avaliar as próprias necessidades internas cria no indivíduo sentimentos de irritabilidade (pela incidência de estímulos indiscriminados pelo ego), apatia (pela falta de uma decisão a respeito da ação, pensada em nível pré-consciente), insatisfação e inquietude (pela não satisfação das necessidades).

O estado de tédio pode ser desta forma visto como o fator desencadeante do "estado psicopático" cuja finalidade é permitir ao indivíduo sair do tédio, através da atuação, que, pela sua importância no comportamento psicopático, será enfocada de modo mais detalhado a seguir.

A atuação de impulsos, inicialmente observada no âmbito da situação analítica, tem sido objeto de vários estudos que procuram definir suas características e especialmente a sua gênese.

Definida por Freud (1914) como a "tendência do paciente a representar em vez de recordar", a atuação (acting out) é relacionada por Anna Freud (1968, pg. 35) com uma "intensificação na transferência, durante a qual o paciente (...) começa a "representar", no comportamento da sua vida diária, tanto os impulsos instintivos como as reações defensivas consubstanciadas nos seus afetos transferidos".

Trata-se, portanto, de uma forma de recordar que utiliza, em vez do pensamento, a ação. O indivíduo atua aquilo que deveria permanecer fantasiado, verbalizado (Rycroft, 1975).

Posteriormente, "acting-out" passou a designar um conjunto de condutas, referentes não apenas à situação terapêutica mas também sem vinculação com ela, como é o caso da conduta psicopática. A semelhança entre estas condutas se refere ao seu aspecto impulsivo, à procura de um alívio de tensão através da realização concreta do desejo, o que justifica, para diversos autores, a procura de uma base teórica comum para explicar essas diferentes formas de atuação.

Ligada ou não à situação analítica, a atuação é característica, segundo Fenichel (1966) de pacientes com fixação oral (elevada necessidade narcisista e intolerância à frustração), acentuada motricidade constitucional e portadores de traumas precoces sérios.

A estas características, Ph. Greenacre (1960) acrescenta a propensão à dramaticidade e a crença inconsciente na "magia da ação". Estabelece ainda uma ligação entre estes aspectos e uma deformação da relação da ação com a linguagem e o pen

samento verbalizado, decorrente de perturbações no segundo ano de vida. A inibição do desenvolvimento da linguagem seria, neste caso, relativamente maior que qualquer outra inibição motora. As funções motoras assumiriam então "todo o peso da incrementada necessidade de comunicação" (1960, pg. 231), em função de maiores tensões durante o período da educação dos hábitos higiênicos. Acentua a autora que o importante é o distúrbio da função da fala, e não da sua forma: ocorre uma distorção na finalidade da linguagem, usada para exibição em vez de comunicação, impedindo a focalização das emoções pelo pensamento verbal e associação delas com o conteúdo do pensamento. A desproporção entre verbalização e atividade motora é a responsável pela repetição de experiências passadas, revividas sem o acompanhamento emocional e sem os métodos de comunicação relativos ao desenvolvimento ulterior da personalidade.

Do ponto de vista kleiniano, a atuação (dentro ou fora da situação analítica) seria a única forma possível de atualização de vivências e fantasias correspondentes aos períodos pré-verbais e pré-simbólicos do desenvolvimento mental.

Grinberg (1968) assinala que a atuação decorre da intolerância ao aumento da dor psíquica determinada por experiências de perda: nesta situação, o indivíduo procura evacuar a dor em objetos externos, aos quais às vezes faz atuar. A identificação projetiva desempenha um papel de grande importância neste processo, que pode assim ser compreendido através do modelo da relação primitiva da criança com a mãe. Seguindo a linha do pensamento de Bion, Grinberg lembra que quando a criança experimen

ta uma angústia muito intensa (medo de morrer), necessita projetá-la num depositário (a mãe) capaz de contê-la e devolvê-la atenuada e suportável. Se a mãe não for capaz de metabolizar a angústia, ou se ela a despojar da sua qualidade específica, a criança receberá de volta um "terror sem nome", que não poderá suportar.

O que ressalta disto tudo é que a conduta psicopática de atuação reflete a necessidade de um objeto, no mundo externo, que possa abarcar uma ansiedade que o próprio sujeito não tem condições de elaborar e conter. Esta dificuldade para tolerar tensões se liga a um status muito "concreto" destas tensões, vivenciadas como ameaças em termos muito primitivos "no nível do corporal-indiscriminado-persecutório" segundo Paz (1977), em que a realidade interna se confunde com a externa, sem que ocorra o desenvolvimento de um pensamento propriamente dito, de um "código verbal a serviço do conhecimento e da troca de experiências" (Zac, 1977 pg. 271), implicando tolerância às tensões e toda uma elaboração simbólica que, representando os afetos por signos-palavras - promove ao mesmo tempo um afastamento dos afetos originais e a sua substituição por outros afetos, transformados, integrados às palavras.

Ferschtut e Serebriany (in Zac, 1977 pg. 272) mostram que a simbolização do psicopata é na realidade uma "pseudo-simbolização", com a forma do símbolo e o conteúdo da equação simbólica. Vale lembrar que esta constitui a forma mais primitiva do símbolo: na conceituação kleiniana, consiste numa forma de símbolo que se confunde com o objeto (H. Segal, 1970).

Por trás da forma aparentemente integrada e coerente do seu discurso verbal, o psicopata oculta um conteúdo, que, ao se revelar, denota as falhas de uma estrutura primitiva e incapaz de lidar com a realidade externa ao nível do processo secundário, ou seja, através da elaboração facultada pelo estabelecimento do pensamento simbólico. O pensamento do psicopata é apenas utilizado como uma ação, pela identificação projetiva de situações internas persecutórias e intoleráveis. Desconectado da realidade, impregnado de fantasias, revela as características do processo primário, emocional, pré-lógico, regido apenas pela necessidade de descarregar afetos em estado bruto e satisfazer de sejos em forma imaginária.

2.2 Simbolização

Ph. Greenacre, no seu estudo já citado sobre os "problemas da atuação" (1960) deduz da sua experiência clínica que os pacientes que atuam apresentam uma fraqueza do controle do ego, aliada a uma forte impulsividade. Isso caracterizaria, segundo a autora, além de uma tendência à dramatização, a incapacidade de tolerar a frustração ou o adiamento de satisfação, assim como um grave distúrbio do senso de realidade, com forte crença na "magia da ação".

Estes traços correspondem a perturbações ocorridas durante o período anterior ao aparecimento da linguagem verbal, e que impediram o desenvolvimento da função de "focalização das emoções e associação destas com o conteúdo do pensamento".

Trata-se aqui de toda a relação entre a linguagem verbal e os significados afetivos que, segundo S. Isaacs (1969), estão ativos, antes e independentemente das palavras, operando paralelamente a elas depois do desenvolvimento da linguagem, e constituindo "o material principal da experiência" (1969, pg.103).

Freud (1915b) desde cedo havia deixado expressa sua convicção de que a representação de um objeto em nível consciente, inclui uma "representação de palavra" e uma "representação da coisa real", que, contida no inconsciente, constitui a "catexis de coisa do objeto", a primeira e verdadeira catexis de objeto. Acrescentou mais tarde, em "O Ego e o Id" (1923), que as palavras são o intermediário para que os processos internos inconscientes se tornem perceptíveis.

Nas palavras de H. Segal (1970) "o processo de formação dos símbolos é contínuo, consistindo em integrar o interno com o externo, o sujeito com o objeto, as experiências antigas com as novas". Segundo a autora inglesa, a compreensão e interpretação do simbolismo inconsciente permite entender todo o processo de formação dos símbolos. Baseando-se em Jones (The theory of symbolism, 1916), H. Segal lembra que o símbolo representa o que foi reprimido da consciência, e se refere primordialmente às idéias do sujeito sobre si mesmo e às relações objetivas primitivas, assim como aos fenômenos de nascimento, vida e morte. Destaca, sempre na linha de Jones, que a simbolização implica repressão, e que o símbolo substitui o objeto do desejo que teve que ser abandonado. Encontra-se por aí estreitamente vinculado ao processo da sublimação (H. Segal, 1975). Estendendo o con -

ceito de símbolo aos campos da expressão pessoal, H. Segal vincula estas áreas ao símbolo primitivo descrito por Jones, com o qual se encontram em continuidade direta, e enfatiza que o interesse da criança pelo mundo externo é determinado por deslocamentos de afetos e interesses do objeto primitivo para novos objetos, por meio da simbolização.

Melanie Klein (1930) já havia chamado a atenção para "a importância da formação do símbolo no desenvolvimento do ego". Num artigo clássico, descreveu a análise de uma criança autista, mostrando que a paralização da vida de fantasia impede que o mundo externo seja dotado de significação simbólica, acarretando a perda de interesse e o bloqueio do desenvolvimento do ego.

O conhecimento do mundo aparece aqui como estreitamente ligado ao desenvolvimento do próprio ego e a um complexo processo de transformação e integração dos afetos primitivos através da simbolização.

Deixando-se de lado durante um momento o enfoque psicanalítico por uma abordagem filosófica da questão, cabe lembrar aqui a contribuição de Cassirer (1969, 1972) à compreensão do problema da representação simbólica. Para Cassirer, o símbolo, que constitui "o próprio do homem", é o instrumento que permite ao sujeito (através da representação de uma coisa por outra) acessar ao conhecimento do mundo, "transformando o espaço da ação em espaço do olhar, e o campo da ação em campo da visão".

Enfatizando a importância do "nome das coisas", das palavras que estabilizam a representação dos objetos, e a partir daí estruturam o seu conhecimento, Cassirer assinala a es-

treita ligação que existe inicialmente entre o nome e o objeto, mostrando que o processo psicológico desta ligação pode ser compreendido se for considerado que toda representação objetiva visa a formação de uma unidade, e cita Kant, segundo o qual "co-nhecemos o objeto quando realizamos uma unidade sintética na diversidade da intuição". No desenvolvimento da linguagem, na aquisição de um "nome", um signo comum (no sentido lingüístico de elemento arbitrário) é dado a um conjunto de impressões, que contraem entre si novas ligações e entram numa nova relação. A unidade do nome serve assim de ponto de cristalização para uma multiplicidade de representações. Fenômenos heterogêneos em si tornam-se fenômenos de um único e mesmo "objeto".

Há porém ainda uma outra direção fundamental, segundo Cassirer, na qual é possível seguir a força inerente às palavras: além de uma construção puramente teórica do mundo, a linguagem permite a organização do próprio eu. É a partir da linguagem que se estrutura a vida do sentimento e da vontade, de uma forma especificamente humana num jogo de forças antagônicas e complementares. Representando a emoção, e permitindo por aí que o eu se capte através desta expressão, a linguagem despoja ao mesmo tempo a emoção da sua força de pressão brutal, imediata, antes exercida: a organização verbal da emoção impede a sua exploração prematura e puramente motora. Constitui portanto, ao mesmo tempo, uma forma de conversão em direção às coisas e um afastamento delas em termos do "ser interior", da pura emoção. O sentido das palavras só se torna mais completo na medida em que se procede à síntese dos opostos, à união do intelectual e

do emocional. Caso contrário, serão apenas "uma abreviatura morta".

Esta perspectiva aberta por Cassirer amplia-se e aprofunda-se se o processo da simbolização for enfocada do ponto de vista psicanalítico desenvolvido pela escola Kleiniana.

Entre os diversos conceitos que se relacionam com o tema, o de fantasia inconsciente aparece como de particular importância.

Melanie Klein, como se sabe, chegou ao conhecimento da estrutura interna da criança através do material fornecido pelo jogo infantil, compreendido como sendo a expressão simbólica das fantasias inconscientes. Deu-se conta, a partir disto, de que todas as atividades da criança servem para expressar e canalizar (controlando-a) a fantasia, através da simbolização. Desenvolveu e ampliou, por isto, o conceito de fantasia inconsciente.

Susan Isaacs, em seu artigo "A natureza e funções da fantasia" (1969) resume e esclarece as colocações de M. Klein a respeito da relação entre fantasia inconsciente, instintos e mecanismos mentais. Define a fantasia como "expressão mental das necessidades instintivas", decorrentes dos processos somáticos com os quais o id está, segundo Freud (1915a), de alguma forma em contato. Segundo S. Isaacs, "todos os impulsos, sentimentos e defesas são experimentados em fantasias que lhes incutem vida mental e mostram sua direção e propósito (1969, pg. 96). Desta forma, uma fantasia representa o conteúdo dos impulsos ou dos sentimentos. Comentando a dificuldade em relatar em palavras o conteúdo das fantasias inconscientes, J. Rivière (1969) assina-

la que a verbalização é um processo inadequado para expressá-las: "as fantasias inconscientes são predominantemente inexprimíveis". Para Susan Isaacs, elas são tratadas por processos mentais muito distantes do pensamento consciente, racional. São determinadas pela lógica da emoção. A linguagem da arte, da poesia, do mito, parece responder melhor à função de revelá-la, "colocando a nu as mais secretas modalidades do ser", como diz Eliade (1972, pg. 14). Quando expressadas em palavras, as fantasias constituem o "material principal da experiência", da qual as palavras são apenas sinais de tardio desenvolvimento em relação à existência das fantasias. Inicialmente elas se vinculam à pura sensação, e em seguida às imagens plásticas decorrentes da experiência com a realidade externa em interação com a interna.

O processo da simbolização aparece aqui estreitamente ligado às relações objetais. H. Segal (1970), resumindo as concepções de M. Klein, se refere à formação do símbolo como atividade do ego, que procura elaborar a angústia decorrente da sua relação com o objeto, e destaca que na medida em que esta relação é perturbada, também o é a formação do símbolo.

Sempre segundo esta autora, à medida que, com o desenvolvimento, mudam as características do ego e das relações objetais, evoluem também o conteúdo, a utilização e a própria formação do símbolo. H. Segal relaciona o processo de formação simbólica com as duas atitudes de base do ego correspondendo às posições esquizo-paranóide e depressiva.

As primeiras características das relações objetais (na posição esquizo-paranóide) se referem à: (1) divisão do objeto

em objeto ideal, com o qual o ego procura a união e em objeto mau, a ser destruído; (2) onipotência; (3) vivência da ausência como "presença" concreta e ataque do objeto mau; (4) utilização da identificação projetiva como defesa, através da qual partes do eu são projetadas, em fantasia, no objeto, que passa a contê-las, "esvaziando" o eu. Da mesma forma, os objetos internalizados são projetados e identificados às partes do mundo externo que os representam, constituindo-se assim o ponto de partida para a formação dos símbolos. Estes não são, contudo, inicialmente vivenciados como tais, mas como os objetos originais: trata-se de "equações simbólicas" características de um nível concreto de pensamento.

M. Milner (1955), partindo das colocações de Fenichel na "Teoria psicanalítica das neuroses", esclarece a diferença entre essas duas formas de simbolização. Na personalidade mais desenvolvida, uma idéia consciente pode ser usada como símbolo de uma idéia inconsciente "proibida": assim a idéia de chapéu, avião, cobra, etc, pode representar a idéia de pênis, inconscientemente captada e rejeitada. Esta distorção permite evitar a idéia proibida e ao mesmo tempo atualizá-la através de um disfarce distinto.

Major (1971) assinala o profundo "intrincamento" do trabalho do processo primário e do processo secundário atuando nesta substituição, lembrando que é esta ligação que permite a simbolização.

Na fase do pensamento pré-lógico, encontra-se a etapa prévia da constituição do símbolo. Neste nível ocorre uma con-

fusão entre as idéias percebidas numa concepção comum: a visão de uma cobra ou de um avião suscita emoções idênticas às que provocaria a visão do pênis, como se fosse tudo a mesma coisa. Fica claro que o processo de simbolização passa por uma evolução em continuidade, desde o estágio da equação simbólica até a "substituição" dos termos, por deslocamento e transformação dos afetos (a nível do processo secundário). As equações vão se tornar símbolos com o desenvolvimento do ego e das relações objetais. Na posição depressiva, com o reconhecimento do objeto integrado, bom e mau, surge a necessidade do ego proteger o objeto contra seus desejos de possessão e agressividade. A repressão da libido e da agressividade, substituindo, em termos de defesa, os mecanismos primitivos de divisão e projeção, leva à criação dos símbolos (M. Klein, 1926; 1930). Estes são necessários para que os afetos sejam deslocados do objeto original para outro objeto; é desta forma que podem ser diminuídos em intensidade os sentimentos de culpa e o medo de perder o objeto, assim como pode se promover o crescimento do ego e o desenvolvimento dos interesses pelo mundo externo: para que uma tendência do ego se desenvolva, é indispensável que, além de uma disposição constitucional, haja uma aliança com a libido. Retomando as palavras usadas em outro contexto teórico por Piaget (1978), o afeto aparece aqui como a "energética das condutas". Melanie Klein explica o processo da sublimação estreitamente ligado com a simbolização, a partir do conceito de identificação utilizado por Ferenczi (1969): comparação, pela criança, do seu próprio corpo com os objetos. Desta forma, objetos e atividades, mesmo não sendo fontes de prazer em si, podem se transformar em tais

graças à identificação. É este processo que dá à libido oportunidade de se transferir para outros objetos e atividades não investidos, originariamente, do tono do prazer.

A sublimação se realiza, portanto, por meio da formação de símbolos que permitem a fixação das fantasias libidinais sobre certos objetos, interesses e atividades. O desenvolvimento de um talento depende assim da intensidade das fantasias representadas na sublimação.

Agora, para que este processo ocorra, é preciso que se estabeleça de forma estável a posição depressiva, o que implica condições de desenvolvimento favoráveis, capazes de fazer sentir à criança a existência de um objeto bom e dos seus próprios sentimentos bons. É a identificação com o objeto ideal (aliada ao crescimento fisiológico e ao desenvolvimento do ego) que permite à criança integrar-se, aumentando sua tolerância aos próprios impulsos agressivos, diminuindo a projeção e a ansiedade persecutória (M. Klein, 1952). Só o estabelecimento de um objeto interno bom suficientemente seguro na posição depressiva pode permitir ao indivíduo fazer face a situações de ansiedade, levando ao crescimento. Quando não se firma a crença no amor, a criatividade do ego e sua capacidade de restauração ficam muito prejudicadas. Presa constante da ansiedade de perder coisas boas e de se destruir em função disto, o ego se enfraquece. Uma excessiva defesa contra a agressividade, na tentativa de se livrar de vivências insuportáveis, aterronizantes, ligadas às pulsões não elaboradas pela simbolização, impede que o ego estabeleça uma relação com a realidade e desenvolva a vida de fanta -

sia. M. Klein (1930) a partir do relato da análise de uma criança autista, relaciona este bloqueio com o temor da punição pelos desejos (impregnados de sadismo) de querer penetrar no corpo da mãe; em consequência disto, haveria a paralização de todas as atividades de exploração do mundo, equacionado simbolicamente com o corpo da mãe. Na medida em que não há relação afetiva com o meio, não se estabelecem relações objetais mais integradas. O ego permanece fixado nas etapas primitivas e não pode desenvolver a vida de fantasia nem a relação com a realidade. Em consequência, não desenvolve a formação de símbolos.

J. Chasseguet-Smirgel (1975) nota que quando o objeto primário é muito persecutório, as palavras ficam cortadas das coisas. O símbolo não é então concebido como um substituto do objeto, derivado dele e da relação do sujeito com ele, mas apenas como algo pré-existente ao objeto e sem relação com ele.

Observando a linguagem do psicopata, Cleckley (1950) assinala que ele emprega as palavras no vazio, embora, se muito inteligente, possa chegar a usar palavras que para os outros significam experiências afetivas intensas.

Se estas palavras não têm sentido para o psicopata, é possível supor-se que o seu emprego por ele não seja tão frequente quanto nas outras pessoas, e que elas sejam substituídas um maior número de vezes por palavras ligadas às vivências concretas, primitivas, não elaboradas, que fazem parte da sua experiência.

Um observador mais atento talvez possa captar, através da "impostura", a realidade do psicopata.

CAPÍTULO 3
ESTUDO EXPERIMENTAL

3.1 Introdução

Esta pesquisa procurou verificar as possibilidades de diagnóstico de psicopatia através do teste de Rorschach, mediante o emprego de um método baseado no nível de elaboração simbólica das respostas, de acordo com um trabalho realizado por Cassiers (1968).

É reconhecido que o cômputo pelos critérios tradicionais do teste, quando se trata de psicopatia, apenas fornece dados escassos que não chegam a caracterizar de modo sistemático um quadro típico, tal como ocorre no caso dos outros quadros nosológicos. Fica claro, na leitura do texto de Bohm (1970, p. 300) por exemplo, que o diagnóstico de psicopatia pelo método clássico é, na realidade, apenas exclusivo: determina o que o paciente não tem, sem caracterizar o que ele tem. Além do mais a conceituação de psicopatia geralmente utilizada, muito presa aos critérios de Schneider, torna imprecisa a caracterização da "personalidade psicopática", pela excessiva heterogeneidade dos tipos descritos, que se aproximam e se confundem com outros quadros.

De origem empírica (pois nasceu da experiência clínica) o método de Cassiers parece aproximar-se mais consistentemente de um aspecto essencial da estrutura da personalidade psicopática, ou seja, a deficiência do processo de pensamento e simbolização cujas características se procurou delinear no de -

correr deste trabalho.

Baseando-se nas características da linguagem utilizada, em termos do nível de simbolização expresso através das palavras, Cassiers encontrou diferenças significativas entre os resultados obtidos por um grupo de 40 psicopatas e os resultados de dois grupos de controle, um de neuróticos e outro de normais (1968, p. 88 e segs.). Partindo da conceituação kleiniana de simbolização, Cassiers sistematizou, de forma quantificável, os conteúdos das respostas dadas ao Rorschach em termos de graduação simbólica, avaliando as respostas em função das suas relações com as pulsões originais.

A concepção psicanalítica da simbolização, em particular a concepção kleiniana, destaca, como já foi visto, a importância deste processo para o desenvolvimento da personalidade, tornando mais acessível a compreensão do distúrbio característico da psicopatia. O emprego do Rorschach dentro dessa perspectiva parece apresentar-se então como legítimo, na medida em que se trata de um teste que visa mobilizar no sujeito analogias simbólicas, através de um jogo recíproco de processos perceptuais e imaginários. Segundo Anzieu (1970, p. 54) trata-se de um teste que põe à prova a capacidade do sujeito relaxar o controle consciente para se entregar a uma atitude de imaginação e criatividade. A conduta do sujeito durante o teste manifesta oscilações entre uma atitude mais "perceptiva" (descrições, impressões) e uma atitude realmente "interpretativa".

Na perspectiva psicanalítica, o teste de Rorschach, pela apresentação de estímulos ambíguos, provoca uma regressão pro

funda, mobilizando mecanismos de defesa contra a angústia primitiva. Além disso, as manchas evocam inconscientemente, para o sujeito, sua imagem do corpo. As respostas dadas se relacionam com um quadro de referência constituído pelos diversos estágios dessa imagem.

O conceito de imagem do corpo, introduzido por Schilder, constitui uma noção importante para a interpretação do Rorschach. Mostra Anzieu (1970, p.308) que esta imagem, inconsciente e de base afetiva, pertence ao registro imaginário e se refere à vivência do corpo como primeiro meio de relação com o outro.

Do ponto de vista psicanalítico, paralelamente ao desenvolvimento das funções biológicas, e em estreita relação com o meio social, o interesse da criança se volta para as diferentes zonas do seu corpo. As relações objetais, que são atitudes internas em relação ao objeto do desejo, mobilizam as diferentes zonas e funções do corpo na medida em que estas constituem uma forma de relação com os outros - ao mesmo tempo que são, em si, fonte de prazer.

A primeira forma de comunicação com o outro (a mãe), e o primeiro prazer, ocorre através da mamada, numa modalidade "comer-ser comido". Assim começa a se desenvolver, anteriormente e paralelamente à aquisição da linguagem, um sistema significativo infra-linguístico, sem o qual a linguagem funciona no vazio. Este sistema se organiza em função dos estágios do desenvolvimento psicosexual, e das significações próprias de cada estágio.

Como já foi visto, as contribuições de Melanie Klein relativas às etapas pré-verbais do desenvolvimento enfatizaram a importância das duas pulsões fundamentais e antagônicas, libido e agressividade. É em função das suas combinações que se pode compreender o desenvolvimento da personalidade em nível normal ou patológico. A introjeção ou a projeção do objeto, bom ou mau, constitui os primeiros processos psíquicos, e a posição esquizo-paranóide provoca as primeiras diferenciações estáveis no aparelho psíquico.

As idéias de Melanie Klein foram pouco aplicadas aos testes projetivos, na medida em que se referem a uma realidade psíquica que não é facilmente atingida por esses testes. Segundo Anzieu (1970, p. 311), porém, a noção de imagem do corpo pode se constituir numa maneira de se atingir, em parte, esta realidade através de testes projetivos. Neste ponto, o Rorschach se apresenta como instrumento privilegiado.

A introjeção e a projeção supõem e reforçam uma representação elementar do interno e do externo. Em relação à imagem da mãe boa, o bebê vive uma relação de incorporação: sugando seu leite, acalentado, ele vive na mãe, ou a mãe vive nele: esta indistinção primitiva, vivenciada pela criança, entre seu corpo e o da mãe fundamenta uma relação simbiótica, na qual a criança se sente ao mesmo tempo boa porque é amada pela mãe, e amada porque é boa. O mundo externo a esta união é sentido como estranho, perigoso. A imagem da mãe má, agressiva, corresponde à representação que a criança faz da sua própria maldade. Quando esta imagem penetra nela, a criança a expulsa, num movi-

mento inverso. A divisão entre bom e mau, primeiro mecanismo de defesa, é de importância vital para o bebê: permite conservar o bom e se livrar do mau.

A representação de uma fronteira entre o bom, no interior, e o mau, no exterior, é a consequência desta divisão. Assim a superfície do corpo, protótipo dos contornos do ego embrionário, é imaginada como uma barreira que protege contra a invasão pelo mau e contra a perda do bom. Esta superfície contém "orifícios" ambivalentes, que permitem trocas entre o interno e o externo: constituem-se assim em fontes potenciais de prazer ou de angústia.

Certos elementos do Rorschach se prestam especialmente à interpretação nesses termos (Fischer e Cleveland, 1968). É importante lembrar também que Freud já havia há muito descoberto que o sonho se desenrola num espaço que se refere às primeiras vivências do corpo.

Parece possível então admitir que as respostas ao Rorschach possam se interpretar em termos da simbolização das pulsões primitivas, mobilizadas através da situação de teste. A maior ou menor integração da imagem do corpo, em relação com o nível de estruturação atingido pela personalidade, poderia se revelar através de respostas em que as pulsões aparecessem de maneira mais crua, primitiva, ou revestidas de nuances indicadoras de integração.

No caso da psicopatia, uma avaliação nestes termos poderia representar uma forma de se superar o impasse criado pela "máscara de saúde" que frequentemente no cômputo tradicional tor

na difícil diferenciar um protocolo de psicopata de um protocolo de sujeito normal; poderia também facilitar o diagnóstico diferencial em relação às neuroses, cujos sinais às vezes também aparecem em protocolos de psicopatas.

3.2 Formulação do Problema

3.2.1 Definição das Variáveis

3.2.1.1 O experimento visando basicamente testar o efeito das variáveis "psicopatia", "normalidade" e "neurose" sobre a simbolização, foram comparados grupos de sujeitos incluídos nestas categorias. Algumas outras características foram ainda levadas em conta.

3.2.1.2 Inteligência: o nível intelectual é fator de grande importância no processo de simbolização. Esta variável foi controlada de modo a evitar variação nos resultados em função da sua influência.

3.2.1.3 Nível cultural: devido à comprovada influência deste fator nos conteúdos do teste em termos de originalidade e variedade (Bohm, 1970), procurou-se controlar seu efeito também neste caso em que a elaboração simbólica dos conteúdos é prejudicada por um defeito estrutural da personalidade.

3.2.1.4 Nível sócio-econômico: por sua vinculação com o nível sócio-cultural, este fator foi, na medida do possível, controlado.

3.2.1.5 Idade: é uma variável que pode apresentar efeitos significativos na medida em que os valores forem extremos:

sujeitos muito jovens apresentariam provavelmente desvantagens em termos de escolaridade, experiência de vida, etc. Por outro lado, sujeitos muito idosos poderiam ser afetados por um processo de involução. Considerou-se pois, necessário controlar estes extremos.

3.2.1.6 Sexo: pela ligação com o aspecto cultural, esta variável foi controlada.

3.2.2 Hipótese

Indivíduos caracterizados como psicopatas por critérios clínicos e formais apresentam, no Rorschach, um grau de simbolização significativamente menor em relação aos resultados apresentados pelos normais e pelos neuróticos.

3.3 Amostra

O planejamento deste experimento, diante das dificuldades previstas na constituição do grupo experimental (de sujeitos psicopatas), considerou desde o início necessário proceder-se a uma redução do tamanho da amostra em relação ao experimento original realizado por Cassiers (1968), com grupos de 40 sujeitos. Limitado o número em 20 sujeitos por grupo, iniciou-se a tentativa de constituição da amostra. A grande dificuldade de acesso, inicialmente, ao meio penitenciário, as condições posteriormente encontradas dentro deste sistema e a tentativa de aplicar-se da forma mais rigorosa possível os critérios pré-estabelecidos para a formação dos grupos só permitiram, finalmente, a obtenção de um grupo de 15 psicopatas. Os dois outros grupos foram

em consequência limitados a este tamanho. Os critérios para a constituição dos grupos são expostos a seguir, de acordo com as variáveis definidas no item 3.2.1.

3.3.1 Psicopatia/Neurose/Normalidade

3.3.1.1 Grupo de psicopatas

3.3.1.1.1 Critério formal: Apresentação de resultado significativo na escala 4 (desvio psicopático) do MMPI. Este teste constitui até o momento presente, a prova objetiva de maior validade no diagnóstico de psicopatia (Hathaway e McKinley, 1963).

3.3.1.1.2 Critérios clínicos: dados de anamnese e entrevista evidenciando:

a) Instabilidade - avaliada pela frequência de mudanças de emprego e moradia, falta de continuidade nas realizações e nas relações com pessoas (casamentos, amizades, etc.); evidência de impulsividade nos atos.

b) Inafetividade - modo de estabelecimento e rompimento das relações; observações diretas (de entrevista) da repercussão afetiva dos fatos nos sujeitos.

c) Ausência de senso moral e social - avaliada através das histórias de casos.

d) Incapacidade de aprender com a experiência - avaliada através da repetição de comportamentos tendo levado a fracassos e/ou punições (reincidência criminal por exemplo).

3.3.1.2 Grupo de neuróticos

3.3.1.2.1 Critérios formais

a) apresentação de resultados significativos nas escalas de neurose do MMPI. São estas principalmente as escalas 1, 2 e 3 (Welsh e Dahlstrom, 1960).

b) presença de sinais característicos no Rorschach: angústia, repressão, labilidade, coartação, estereotipia, etc.... (critérios relacionados por Bohm, 1970, pgs.245-293).

3.3.1.2.2 Critérios clínicos: dados de anamnese e entrevista evidenciando:

a) dificuldades graves de adaptação ao meio familiar, profissional e social em geral:

b) angústia;

c) depressão;

d) distúrbios da conduta sexual.

3.3.1.3 Grupo de normais

3.3.1.3.1 Critério formal: sinais de adaptação no Rorschach: afetividade integrada, controles adequados, criatividade (Bohm, 1970, caps. 5, 8 e 9).

Não foi aplicado o MMPI neste grupo em função de um aspecto ético, imposto pelas condições em que foi realizada a pesquisa: os sujeitos, testados em situação de seleção profissional, poderiam ficar excessivamente mobilizados pela aplicação de um teste clínico, o que acarretaria conseqüências negativas na

situação de seleção. Julgou-se portanto mais adequado não submetê-los ao teste, considerando-se por outro lado suficientes os dados fornecidos pelo Rorschach, pela história de vida e pelo contato com os sujeitos, de acordo com o item seguinte.

3.3.1.3.2 Critérios clínicos: dados de anamnese e entrevista evidenciando um quadro geral de adaptação afetiva e social, através de informações sobre:

- a) vida familiar;
- b) realizações profissionais;
- c) planejamento para o futuro;
- d) capacidade de adaptação a situações novas.

A avaliação de "normalidade" constitui, na verdade, um problema muito difícil. Levou-se em conta aqui especialmente a capacidade de integração do indivíduo, de superação de conflitos e de mudanças em função do tempo e das situações (Augras, 1970, pgs.61-82; 1978, p. 12).

Procurou-se considerar o problema tanto do ponto de vista social, levando-se em conta as realizações adaptadas às normas sociais, em contraste com os atos "anormais", pela sua conotação anti-social, do grupo de psicopatas; como também do ponto de vista individual, opondo-se as características de integração interna dos normais aos conflitos inconscientes e à instabilidade afetiva dos neuróticos.

3.3.2 Nível intelectual

O nível intelectual estipulado para todos os sujeitos foi o "médio" ou "acima da média", determinado pelo teste INV.

Por sua característica não-verbal, o INV pareceu mais indicado para a avaliação do nível intelectual dos psicopatas; adapta-se, além disso, a níveis culturais mais baixos e possui padronização brasileira (Weil e Nick, 1970).

3.3.3 Nível cultural e sócio-econômico

Os critérios utilizados foram os seguintes:

- a) nível de escolaridade (primário, médio, superior);
- b) nível profissional (baixo, médio, alto);
- c) situação sócio-econômica familiar (baixa, média, alta) - avaliada através dos critérios: profissão dos pais, renda familiar.

3.3.4 Idade

A faixa de idade determinada incluiu sujeitos de 18 a 50 anos.

3.3.5 Sexo

Procurou-se manter na medida do possível uma igualdade entre os sexos dentro de cada grupo. O grupo de psicopatas, contudo, apresentou nítida predominância de sujeitos do sexo masculino, em função de fatores sociais; encontrados, em sua maioria, em ambiente penitenciário, os sujeitos revelaram grande discrepância em termos de nível intelectual e cultural, para a mesma classe social (média-baixa e baixa), unicamente em função do sexo. As oportunidades de desenvolvimento dadas aos homens se mostraram significativamente maiores do que as dadas às mulheres neste nível social. Os dois sujeitos de sexo feminino da

amostra foram testados em clínicas particulares e evidenciaram nível social alto.

3.3.6 Proveniência dos grupos

Procurou-se seguir aqui o modelo da pesquisa original de Cassiers. O grupo de psicopatas foi encontrado, em sua maioria, em ambiente penitenciário (Hospital de Psiquiatria Penitenciária Nelson Hungria, do Departamento do Sistema Penitenciário - DESIPE).

Cinco casos foram encontrados em ambiente hospitalar comum, as internações tendo sido porém realizadas a mando judicial (Casa de Saúde Dr. Eiras).

O grupo de neuróticos foi selecionado em clínica particular.

O grupo de normais foi escolhido em situação de seleção profissional, no Centro de Psicologia Aplicada (CEPA). Em tal situação é maior a probabilidade de ocorrência de casos normais, e o próprio exame psicotécnico de seleção já constitui uma situação em que se pode observar a capacidade de mobilização de recursos, pelos indivíduos, para a adaptação.

3.3.7 Descrição da amostra

Dados detalhados relativos a cada um dos sujeitos e aos grupos se encontram no Anexo I.

Na constituição da amostra, a partir das características do grupo de psicopatas, procurou-se manter o equilíbrio entre os grupos em termos de nível intelectual e nível sócio-econ-

nômico-cultural. Em relação a este último aspecto, o grupo de neuróticos apresenta certa discrepância, em função da dificuldade em se encontrar sujeitos de nível baixo em clínica particular ou mesmo internados: as condições impostas pela previdência social não prevêm internação de pacientes psiquiátricos, a não ser em casos de psicose. Não foi possível por outro lado, o acesso a pacientes de ambulatório.

Em termos de grupo, alguns dados chamam atenção como bastante característicos. Dos três grupos, o de psicopatas revela o maior número de sujeitos instáveis profissionalmente (frequentes trocas de profissão, ou ausência de definição) e afetivamente: é ligeiramente maior, neste grupo, a incidência de desquites, assim como de instabilidade de ligações afetivas entre os sujeitos solteiros. Não se verifica por outro lado, nenhum casado, contrariamente aos grupos de neuróticos e de normais. Neste último grupo, se verifica, por outro lado, a ausência de desquites. A média de idade no grupo de normais é porém menor (24 anos) em comparação à média dos grupos de psicopatas (27 anos) e neuróticos (29 anos), fator que também pode ter influência sobre este aspecto.

Em termos de escolaridade, a maior incidência de sujeitos com nível superior se encontra no grupo de neuróticos. Pode-se supor aí uma possível influência do fator sócio-econômico. A inexistência de sujeitos deste nível no grupo de psicopatas, em comparação com os sujeitos do grupo normal (mais próximo em termos de nível sócio-econômico) permite também supor, porém, a influência do fator "instabilidade" no grupo de psicopatas, ma-

nifestada também neste item.

O nível intelectual, enfim, se encontra equilibrado entre os grupos de psicopatas e normais. No grupo de neuróticos é maior a incidência de nível alto.

3.4 Metodologia

3.4.1 Descrição do índice de elaboração simbólica

Este índice, baseado na conceituação kleiniana de simbolização, consiste numa sistematização, passível de quantificação, das respostas dadas ao Rorschach em termos de elaboração simbólica.

Dois critérios são utilizados para a classificação das respostas nestes termos:

1) Distância verificada entre a imagem verbal e as pulsões primitivas expressadas através da verbalização. Estas pulsões, de acordo com a teoria psicanalítica, são fundamentalmente duas, a pulsão sexual e a pulsão agressiva:

2) Número de pulsões concorrendo para o aparecimento da imagem verbal. Considera-se aqui a presença, não apenas das pulsões primitivas como também dos "impulsos do ego". Partindo do conceito freudiano de sublimação, Melanie Klein (1926) mostrou como o investimento das tendências do ego pela libido é a base de todo interesse e de todo talento: a sublimação consiste, assim, num investimento sexual-simbólico das atividades referentes aos impulsos do ego.

É possível então, a partir desses critérios, estabelecer uma graduação simbólica indicadora do nível de integração e desenvolvimento da personalidade.

Em termos de Rorschach, a graduação pode se verificar através das respostas dadas a uma mesma localização, levando-se em conta as características estruturais próprias de cada prancha e sua relação com conteúdos simbólicos específicos (Mucchielli, 1968).

O método do índice de elaboração simbólica consiste numa classificação das respostas em 5 categorias:

1) Categoria A - Respostas de significado simbólico impreciso. Incluem-se nesta categoria:

a) As respostas vulgares e todas as respostas cujo significado se refere a uma inserção nos aspectos concretos da realidade.

b) As respostas de "nuvem", "fumaça", etc., de significado ansioso mas onde a pulsão original é irreconhecível.

2) Categoria B - Respostas altamente simbolizadas, onde se pode reconhecer a pulsão primitiva sob uma complexa elaboração (implicando a fusão desta pulsão com outras secundárias, a influência cultural, etc.). Exemplos: "duas dançarinas", "dois anjinhos se olhando", "poste", "tromba de elefante", "jarro", "pantera", "ratazana", etc..

3) Categoria C - Respostas em que a pulsão, embora com certo grau de elaboração, aparece de maneira mais direta. Exemplos: "pessoas escondendo nas costas um porrete enorme";

"dois bichos mordendo alguma coisa", "pinça de siri", etc..

4) Categoria D - Respostas com pequeno grau de elaboração. Exemplos: "duas pernas abertas", "dois homens sendo torturados", "animal do qual se cortou a cabeça", incluem-se aqui ainda as respostas de "armas", e as de movimentos violentos do tipo "bomba atômica explodindo".

5) Categoria E - Respostas "não-simbolizadas", em que a pulsão se manifesta de forma concreta. A ligação com os aspectos concretos difere contudo da expressada nas respostas vulgares pela conotação pouco socializada refletida nas respostas, tais como respostas de sangue, respostas de sexo, respostas de "coisas em decomposição". Exemplos: "coelho morto escorrendo sangue", "vagina", "vêrtebra em decomposição", "micróbios penetrando para levar à destruição".

Uma lista completa das respostas por categoria se encontra no anexo II.

A determinação das categorias se fez a partir das avaliações de 4 juizes, sendo dois com maior experiência no teste de Rorschach e dois com menor experiência no teste, mas que, pela atividade em psicoterapia, se encontram familiarizados com as formas simbólicas de expressão das pulsões. Procurou-se assim controlar uma possível influência dos conhecimentos do teste nesta avaliação de conteúdos.

As avaliações concordaram em grande parte, apresentando alguns desvios apenas de uma categoria, para mais ou para menos. Nestes casos elegeu-se a categoria mais frequente. Nos

casos de empate procedeu-se a uma nova avaliação, por comparação com as respostas já classificadas definitivamente.

3.4.2 Cálculo do índice de elaboração simbólica

De acordo com o trabalho de Cassiers (1968) o índice se calcula da seguinte maneira:

$$IES = \frac{B + C + D + E}{T}$$

onde: B = número de respostas Bx2

C = número de respostas Cx1

D = número de respostas Dx(-1)

E = número de respostas Ex(-2)

T = total de respostas B + C + D + E

O índice permite a classificação das respostas entre os limites (+2) e (-2) correspondendo respectivamente a um alto grau de simbolização e a um baixo grau de simbolização.

Além da comparação dos grupos pelo índice de elaboração simbólica, tal como descrito acima (incluindo apenas as respostas B, C, D e E), foi realizada também uma comparação incluindo as respostas A, ou seja, a totalidade das respostas dadas. As respostas A, embora de significado simbólico impreciso, poderiam na realidade ser respostas altamente simbolizadas, e a não-inclusão desta categoria no índice poderia deturpar os resultados. Por isto foi estabelecido um segundo "Índice", de acordo com a fórmula:

$$IES \text{ alternativo} = \frac{A + B + C + D + E}{T}$$

onde: A = número de respostas Ax2
 B = número de respostas Bx2
 C = número de respostas Cx1
 D = número de respostas Dx(-1)
 E = número de respostas Ex(-2)

3.4.3 Análise estatística dos resultados

As tabelas dos resultados obtidos por cada um dos grupos se encontram no Anexo III.

Os grupos foram comparados através do teste U de Mann-Whitney, por se tratar de uma comparação em função de uma variável dependente ("grau de simbolização") que possui nível de medida ordinal, exigindo portanto o emprego de teste estatístico não-paramétrico, de acordo com Rodrigues (1975).

As diferenças encontradas na comparação dos grupos segundo a primeira fórmula do IES ($\frac{B + C + D + E}{T}$) mostraram-se significativas para todos os grupos. Na comparação entre os grupos de normais e psicopatas, assim como entre os grupos de normais e neuróticos atingiram inclusive um nível de significância maior do que o nível originalmente estipulado, de 0,05 chegando ao nível de 0,002 (menor margem de erro).

A diferença entre os grupos de psicopatas e neuróticos foi significativa ao nível de 0,05.

Na comparação através da fórmula alternativa, manteve-se a significância das diferenças entre normais e psicopatas e entre normais e neuróticos, também ao nível de 0,002. A diferença entre psicopatas e neuróticos não foi, contudo, signifi

cativa ao nível de 0,05.

3.4.4 Discussão

As diferenças entre os resultados obtidos pelo grupo de normais e os resultados dos grupos de psicopatas e neuróticos definem claramente a maior capacidade de simbolizar dos normais. Mesmo levando-se em conta as respostas A como "altamente simbolizadas", permanece a diferença; considerando-se estas respostas apenas como indicadoras de adaptação ao real concreto, poder-se-ia interpretar os resultados obtidos como indicadores da melhor capacidade de adaptação dos normais neste aspecto, como decorrência da sua capacidade geral de adaptação.

Por outro lado, se a diferença entre os grupos de neuróticos e psicopatas foi significativa sem o cômputo das respostas A, a inclusão destas anulou a diferença.

Este dado parece concordar com traços observados nas personalidades psicopáticas. Na prática clínica, é às vezes difícil distinguir entre uma psicopatia e uma neurose, na medida em que o psicopata pode apresentar sintomas neuróticos. Os resultados aqui obtidos ressaltam que também a nível de linguagem pode ocorrer a dúvida. Através de uma adaptação superficial à realidade concreta (destacada pelas respostas A do teste) o psicopata pode dar de si mesmo uma imagem falsa e confundidora.

A utilização de um instrumento dirigido a um ponto crítico do psicopata, ou seja, a deficiência da função de simbolização, pode contudo denunciar a simulação. Parece ficar claro que os processos envolvidos na produção das respostas A são de

natureza diferente dos processos que determinam as respostas que constituem o índice de elaboração simbólica. Nas respostas A parece predominar o fator cognitivo, enquanto as outras respostas incluem uma participação maior dos elementos afetivos, em graus diversos de simbolização.

Os resultados obtidos confirmam, portanto, a hipótese e indicam a possibilidade de emprego do IES como um instrumento de diagnóstico da psicopatia.

CONCLUSÃO

A falta, em psicologia clínica, de um teste objetivo de diagnóstico de personalidade psicopática, levou a uma indagação a respeito das razões da inexistência, até o momento, de um instrumento capaz de confirmar, de modo válido, hipóteses formuladas a partir da observação clínica.

É relevante notar, a esse respeito, que o único teste psicológico reconhecido como válido no diagnóstico da psicopatia, a escala 4 Pd (desvio psicopático) do MMPI, baseia-se em fenômenos comportamentais; constitui assim mais uma avaliação de "conduta psicopática" do que de "personalidade psicopática" em seus aspectos estruturais.

O teste de Rorschach, privilegiado meio de acesso ao âmago da personalidade, não havia até hoje podido ser utilizado nos casos de psicopatia, fornecendo apenas informações vagas e ambíguas. Através de uma investigação inicial, esta limitação apareceu como decorrente de uma imprecisão de conceituação, ficando o quadro indefinido em termos dos seus aspectos essenciais.

O método de interpretação pelo "Índice de elaboração simbólica" criado por Cassiers (1968), voltado para o aspecto simbólico dos conteúdos do teste, surgiu, no decorrer desta pesquisa preliminar, como uma importante contribuição, voltada para um ponto realmente discriminativo. A indefinição das bases teóricas, assim como certas conclusões tiradas pelo autor, suscitaram o interesse em se procurar fundamentar com maior

consistência o método novo.

Um levantamento das principais teorias sobre a psicopatia, desde as origens da psiquiatria, visou, inicialmente, ilustrar a diversidade de posições existentes, e ao mesmo tempo destacar alguns traços significativos, presentes nas diferentes descrições, em busca de uma definição mais explícita. A natureza e as características da personalidade psicopática puderam assim aparecer mais claramente, através de uma abordagem de aspectos externos e internos.

Do ponto de vista dinâmico e estrutural, as concepções psicanalíticas, e muito particularmente as da escola inglesa, mostraram-se as mais completas em relação ao que se procurava determinar.

Através do enfoque kleiniano, torna-se compreensível o distúrbio básico, podendo-se explicar a psicopatia como decorrente de uma falha estrutural, encoberta por defesas específicas, mas revelando-se em função de uma típica dificuldade em utilizar o pensamento e os símbolos. Esta dificuldade aparece ligada, na concepção kleiniana, a um distúrbio do desenvolvimento da personalidade, que permanece fixada em fases primitivas, em termos afetivos, ao mesmo tempo em que desenvolve certas capacidades cognitivas próprias de estágios mais adiantados do crescimento - sem lograr a integração com os afetos, que permitiria uma adaptação normal.

A utilização do "Índice de elaboração simbólica" apareceu, em função desta conceituação, como uma forma de atingir um aspecto fundamental da personalidade psicopática, ultrapas-

sando os disfarces sempre presentes no teste de Rorschach em tais casos - confundidos frequentemente seja com neurose, seja com normalidade.

Uma aplicação experimental visou verificar a viabilidade do método num contexto cultural diferente do original. As numerosas dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa de campo, assim como a limitação de tempo, impediram a realização de trabalho tal como inicialmente planejado. Os resultados obtidos parecem indicar contudo a importância do processo de simbolização para o desenvolvimento da personalidade e seu ajustamento à realidade (seria interessante, a este respeito, um estudo com pacientes psicóticos). Nota-se uma nítida superioridade dos normais em relação aos psicopatas e também aos neuróticos, que por sua vez, se mostram mais capazes de simbolizar que os psicopatas. Os resultados de um modo geral parecem confirmar a possibilidade de aplicação do método para um diagnóstico diferencial, fazendo surgir a necessidade de uma padronização.

ANEXO I

CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Tabela 1

Psicopatas

Sujeitos	MMPI	INV	Sexo	Idade	Est.Civil	Profissão	Escolaridade	Nível socio-econômico	
								Profissão do pai	Situação Econômica
1	648'35791-2	70	M	29	desquitado	Agricultor (ex-contador)	2º grau	Contador	Média
2	49'6875-213	60	M	27	solteiro	Téc.laboratório	2º grau	Comerciante	Média
3	641'8325-97	50	M	21	solteiro	Sapateiro	Primário	Biscateiro	Baixa
4	4'23596-178	75	M	25	solteiro	Mecânico espe- cializado	1º grau (SENAI)	Engenheiro	Média
5	643'182759	70	M	32	solteiro	Bombeiro hidrâu- lico (ex-estiva- dor, PM, escri- turário)	Primário	Estivador	Baixa
6	46'2879-315	50	M	23	solteiro	Sem profissão (assaltante)	Primário incompleto	Ferroviário	Baixa
7	694'8-52731	90	M	22	solteiro	Técnico em mecâ- nica	1º grau (SENAI)	Policial	Média
8	648'9173-25	70	M	28	desquitado.	Enfermeiro	2º grau	Pequeno indus- trial	Média
9	4'596328-71	90	F	18	solteira	Estudante	2º grau	Publicitário	Alta
10	4'69872315	90	M	22	solteiro	Estudante	2º grau	Industrial	Alta

Tabela 1 (continuação)

Sujeitos	MPI	INV	Sexo	Idade	Est.Civil	Profissão	Escolaridade	Profissão do pai	Nível socio-econômico	Situação Econômica
11	4'6513987-2	50	M	35	solteiro	Cabeleireiro	1º grau	Pedreiro		Baixa
12	4'89-167253	60	M	43	desquitado	Radiotelegrafista (ex-paraque- distas, policial, lutador)	2º grau	Militar		Média
13	412'735869	60	M	27	solteiro	Guarda de segu- rança (ex-motoris- ta, servente, almo- xarife)	1º grau	Militar		Média
14	6849' 75123	50	M	27	solteiro	Sem profissão (assaltante)	Primário incompleto	Operário		Baixa
15	4'9638251-7	70	F	29	desquitada	Sem profissão	2º grau	Industrial		Alta

Tabela 2

Neuróticos

Sujeitos	MFI	INV	Sexo	Idade	Est.Civil	Profissão	Escolaridade	Nível socio-econômico	
								Profissão do pai	Situação econômica
16	2137'65849	70	M	46	desquitado	Aviador	2º grau	Radiotelegrafista	Média
17	31'257 4689	75	M	24	solteiro	Operador de computador	2º grau	Bancário	Média
18	71236'8-594	90	F	21	solteira	Desenhista	Sup.incompl.	Construtor	Alta
19	26319'8745	70	M	19	solteiro	Estudante	Sup.incompl.	Sociólogo	Média
20	2315' 76984	60	F	25	solteira	Secretária	2º grau	Comerciante	Média
21	721' 346895	90	M	27	solteiro	Economista	Superior	Militar	Alta
22	2163'48957	60	F	18	solteira	Estudante	2º grau	Médico	Média
23	312'76894-5	60	F	36	casada	Sem profissão	2º grau	Advogado	Média
24	27531'6849	80	M	39	casado	Advogado	Superior	Fazendeiro	Média
25	21863'5794	50	M	45	desquitado	Aviador	2º grau	Militar	Média
26	321'647958	80	M	35	casado	Contador	Superior	Comerciante	Média
27	13278'6594	60	F	28	casada	Professora primária	2º grau	Médico	Média
28	3216' 74859	60	F	33	desquitada	Sem profissão	1º grau	Industrial	Alta
29	21739'6485	70	M	19	solteiro	Estudante	2º grau	Industrial	Alta
30	12763'489-5	75	M	32	casado	Gerente de vendas	Superior	Empresário	Alta

Tabela 5

Normais

Sujeitos	INV	Sexo	Idade	Est. Civil	Profissão	Escolaridade	Nível socio-econômico	
							Profissão do pai	Situação econômica
31	60	M	33	casado	Vigilante	Primário	Lavrador	Baixa
32	70	F	22	solteira	Técnica em laboratório	2º grau	Bancário	Média
33	99	M	28	casado	Engenheiro	Superior	Advogado	Alta
34	99	M	18	solteiro	Técnico em edificações	2º grau	Comerciante	Média
35	70	F	22	solteira	Datilógrafa	2º grau	Militar	Média
36	75	F	19	solteira	Recepcionista	2º grau	Bancário	Média
37	70	M	46	casado	Contramestre	2º grau incompleto	Servente	Baixa
38	60	F	21	solteira	Auxiliar de escritório	2º grau incompleto	Alfaiate	Baixa
39	90	M	33	casado	Advogado	Superior	Militar	Alta
40	80	F	18	solteira	Estudante	2º grau	Corretor	Média
41	70	F	23	solteira	Bancária	2º grau	Comerciante	Média
42	60	F	19	solteira	Estudante	2º grau	Dentista	Média
43	50	F	23	solteira	Auxiliar de escritório	2º grau	Marítimo	Baixa
44	60	F	22	solteira	Escriturária	2º grau	Funcionário Público	Média
45	60	M	21	solteiro	Escriturário	2º grau	CO Carpinteiro	Baixa

Tabela 4

Comparação dos Grupos

Quadro I - Nível sócio-econômico-cultural

<u>N.S.E.C</u>	<u>Psicopatas</u>	<u>Neuróticos</u>	<u>Normais</u>
Alto	3	7	2
Médio	7	8	8
Baixo	5	-	5

Quadro II - Nível intelectual

<u>N.I.</u>	<u>Psicopatas</u>	<u>Neuróticos</u>	<u>Normais</u>
Alto	3	4	4
Acima da Média	8	10	9
Médio	4	1	2

ANEXO II

LISTA DAS RESPOSTAS DO RORSCHACH, CLASSIFICADAS EM
FUNÇÃO DO GRAU DE ELABORAÇÃO SIMBÓLICA DOS CONTEÚ-
DOS. (PROTOCOLOS DOS TRÊS GRUPOS DA AMOSTRA)

1) Categoria B

a) Conteúdo humano (H, (H), Hd)

- Anõezinhos de histórias infantis
- Bailarinos russos dançando
- Bonecos brincando
- Diabinhos dançando
- Duende tocando flauta
- Equilibrista de circo, muito forte, jogando objetos para cima
- Estátuas de homens alados
- Gigante de contos de fadas
- Homem barbado
- Homem fazendo o gesto de "paz e amor"
- Homem tocando violino
- Homens com as mãos juntas
- Homens de perfil
- Palhaço
- Pés de uma pessoa
- Pessoa sentada feito Buda
- Pessoa voando de asa Delta
- Pessoas de costas uma para a outra
- Pessoas fantasiadas
- Pessoas iguais se olhando
- Pessoas olhando a água de um poço
- Pessoas se olhando no espelho
- Rei
- Saci
- Seres extra-terrestres, com antenas
- Seres rodopiando
- Sujeito fantasiado, desfilando
- Velhos ajoelhados

b) Conteúdo animal (A, Ad)

- Águia
- Aves grandes descansando, encostadas num pau
- Barata
- Bode com chifres e orelhas grandes
- Cabrito
- Carangueijo
- Cavalo marinho
- Coelhoinhos brincando
- Dragão
- Elefantes com as trombas juntas, dançando
- Felinos tentando subir uma montanha
- Gaivota com reflexo na água
- Galinha de frigorífico
- Gato
- Gavião
- Goula
- Larva
- Leão
- Cara de cavalo
- Pata de cavalo
- Porco
- Porquinhos com nariz encostado um no outro
- Quati
- Ratos andando
- Rosto de inseto
- Siri
- Tartaruga
- Ursos tentando se escorar

- c) Conteúdos de plantas, natureza, geografia, objetos, arquitetura, arte, biologia, etc.
- Árvore descascada, o tronco dela
 - Árvore nascendo no centro de uma pedra
 - Bandeiras
 - Bolo de noiva
 - Botinas
 - Brasão
 - Buraco cavado no chão
 - Caminho
 - Colar
 - Concha
 - Conjunto de micróbios
 - Continente com lago no meio
 - Entrada de um golfo
 - Fjord
 - Folha seca de árvore
 - Fonte
 - Ilha com litoral recortado
 - Ilha com canal desembocando no mar
 - Imagem esculpida de um deus
 - Lago
 - Mar
 - Montanha com cume proeminente
 - Óculos
 - Pedra
 - Pedra arenosa do fundo do mar
 - Porta violão aberto
 - Portal
 - Quebra-cabeça
 - Raios solares
 - Raiz
 - Região cheia de crateras
 - Sapato de salto alto
 - Signos astrológicos
 - Torre

- Torre Eiffel
- Vaso de plantas
- Vestido

2) Categoria C

a) Conteúdo humano (H, (H), Hd)

- Abominável homem das neves, pulando
- Boncos com o corpo cortado da perna
- Cara pouco simpática de um espantalho
- Gnomos, meio perversos
- Homem agachado num cotoco, num tronco cortado
- Homens dançando feito coristas com a perna para cima
- Lobisomem
- Monstro de história de terror fazendo uma careta
- Mulheres gordas encostando a barriga uma na outra
- Perna humana
- Pessoas escondendo nas costas um porrete enorme
- Vampiro

b) Conteúdo animal

- Animais brigando
- Aquele bicho que chupa o sangue da gente
- Aranha peluda, venenosa
- Borboletas se enfrentando
- Cachorros disputando alguma coisa
- Cara de um cachorro bravo
- Carangueijo que pegou um bicho
- Coelho se admirando no espelho
- Escorpião com ferrões
- Leões de boca aberta
- Lobo vesgo, feio
- Monte de vermes
- Morcego com ferrões, muito venenoso
- Siri com mandíbulas e pinças
- Touros atacando
- Touros batendo com força contra uma árvore

c) Conteúdos de Plantas, Natureza, Geografia, Objetos, Arquitetura, Arte, etc..

- Avião a jato em velocidade
- Buraco onde se pode cair até lá em baixo
- Carro de combate com torre e canhão
- Explosão de fogos
- Erupção de um vulcão
- Ferradura enferrujada, toda torta
- Máscara agressiva
- Máscara de um feiticeiro africano com olhos terríveis
- Nave espacial soltando fogo
- Planta marinha que tem vida, se alimenta de peixes, é car
nívora
- Ponta de flecha de índio
- Poste elétrico que deu um curto, saindo fogo
- Punhal
- Vulcão em explosão

d) Conteúdos anatômicos

- Coluna óssea
- Esqueleto
- Final da espinha
- Forma de uma parte do corpo por dentro: os rins
- Osso da bacia
- Osso ilíaco
- Parte do corpo por dentro
- Raio-X de osso
- Raio-X de pulmão
- Raio-X de vértebra

3) Categoria D

a) Conteúdo humano (H, (H), Hd)

- Alguém preso se debatendo para sair
- Corpo humano da bacia para baixo
- Corpo sem cabeça
- Figuras fazendo caretas nas costas de duas outras
- Garoto chupando alguma coisa
- Índio dando um grito de guerra
- Médicos fazendo uma autópsia
- Peito de uma mulher gorda
- Pessoas se beijando, observadas por duas outras
- Pessoas impedidas de se aproximarem, por outras que puxam
- Pessoas puxando cada uma para um lado, fazendo força
- Pigmeus fazendo um cozido antropofágico

b) Conteúdo animal

- Besouro, que voando em sentido contrário ao de um automóvel a 180 km/h, bateu no para-brisa, deixando a marca de seu corpo amassado
- Bicho atropelado
- Borboleta esmigalhada
- Cabeça de um bicho esmagado
- Cachorro cortado ao meio
- Morcego numa estrada, passou um caminhão e amassou
- Pavão que foi cortado ao meio
- Sapo de perna aberta, amassado

c) Conteúdos de natureza, fogo, objetos

- Fogo
- Labareda de fogo
- Ponte explodindo

d) Conteúdos anatômicos

- Coccix
- Coração cheio de vasos sanguíneos
- Corrida dos espermatozóides, a briga deles
- Corpo humano visto por dentro, os órgãos
- Fetos mal gerados
- Osso esfaçalhado

4) Categoria E

a) Conteúdo humano

- Cara rindo de terror com o nariz escorrendo
- Pessoa engolindo alguém, do qual só se vê a bota

b) Conteúdo animal

- Bicho recoberto por um líquido viscoso, que escorre
- Borboleta esmigalhada saindo sangue
- Coelho morto, escorrendo o sangue

c) Conteúdo de anatomia, sexo, sangue, objetos

- Aparelho para se injetar algo no ânus, ou em doença venérea
- Coisa tinta de sangue
- Doença: num raio-X vê-se a mancha adquirida numa parte do corpo
- Doença penetrando no corpo
- Embrião de um mongolóide todo deformado
- Faca suja de sangue
- Feio: saindo sangue do útero
- Lavagem intestinal
- Marca dos pés de alguém que pisou em sangue
- Micróbrios penetrando para levar à destruição
- Nádega
- Órgão genital de mulher
- Osso com um buraco escorrendo sangue
- Ovário
- Parto: saindo a cabeça, a placenta
- Pingo de sangue
- Testículos
- Otero com bichos saindo, nascendo. Vê-se o umbigo e o sangue
- Vagina
- Vagina de mulher virgem que foi deflorada
- Vértebra em decomposição

ANEXO III

RESULTADOS NO ÍNDICE DE ELABORAÇÃO SIMBÓLICA

RESULTADOS NO IES

$$\text{IES} = \frac{\text{B} + \text{C} + \text{D} + \text{E}}{\text{T}}$$

Tabela 1

Psicopatas		Neuróticos		Normais	
1.	0,50	16.	1,46	31.	1,90
2.	0,60	17.	1,52	32.	1,81
3.	0,37	18.	1,50	33.	1,86
4.	1,50	19.	1,00	34.	1,66
5.	1,00	20.	1,56	35.	1,81
6.	0,25	21.	1,31	36.	1,80
7.	1,20	22.	1,42	37.	1,60
8.	1,33	23.	1,22	38.	1,75
9.	1,33	24.	1,64	39.	1,86
10.	1,00	25.	1,60	40.	1,66
11.	1,25	26.	1,10	41.	1,50
12.	1,30	27.	1,18	42.	1,31
13.	-1,75	28.	1,33	43.	1,93
14.	1,50	29.	1,20	44.	1,80
15.	1,16	30.	0,80	45.	1,50

Cálculo do U de Mann-Whitney

- a) Comparação entre Psicopatas e Normais: $U = 9$ - resultado significativo ao nível de 0,002.
- b) Comparação entre Psicopatas e Neuróticos: $U = 60,5$ - resultado significativo ao nível de 0,05.
- c) Comparação entre Normais e Neuróticos: $U = 21$ - resultado significativo ao nível de 0,002.

RESULTADOS NO IES

$$\text{IES alternativo} = \frac{A + B + C + D + E}{T}$$

Tabela 2

Psicopatas		Neuróticos		Normais	
1.	0,75	16.	1,55	31.	1,94
2.	0,76	17.	1,56	32.	1,85
3.	1,00	18.	1,62	33.	1,88
4.	1,71	19.	1,50	34.	1,67
5.	1,42	20.	1,78	35.	1,85
6.	0,50	21.	1,65	36.	1,84
7.	1,43	22.	1,60	37.	1,71
8.	1,81	23.	1,71	38.	1,81
9.	1,62	24.	1,78	39.	1,93
10.	1,60	25.	1,87	40.	1,80
11.	1,62	26.	1,33	41.	1,64
12.	1,40	27.	1,50	42.	1,68
13.	-0,50	28.	1,50	43.	1,94
14.	1,82	29.	1,65	44.	1,85
15.	1,30	30.	1,35	45.	1,66

Cálculo do U de Mann-Whitney

- a) Comparação entre Psicopatas e Normais: $U = 19$ - resultado significativo ao nível de 0,002.
- b) Comparação entre Psicopatas e Neuróticos: $U = 76,5$ - resultado não-significativo.
- c) Comparação entre Normais e Neuróticos: $U = 27,5$ - resultado significativo ao nível de 0,002.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER, F. Psiquiatria Dinamica. Buenos Aires, Paidós, 1978.
- ALONSO-FERNANDEZ, F. Fundamentos de la Psiquiatria actual. Madrid, Paz Montalvo, 1972.
- ANZIEU, D. Les Méthodes Projectives. Paris, Presses Universitaires de France, 1970.
- AUGRAS, M. Teste de Rorschach, Atlas e Dicionário. Rio, FGV, 1969.
- _____. Temas de Despersonalização nos conteúdos do teste de Rorschach. In Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 22(4), 1970.
- _____. O ser da compreensão. Petrópolis, Vozes, 1978.
- BION, W. Os elementos da psicanálise. Rio, Zahar, 1966.
- _____. Language and the schizophrenic. In Klein, M., New Directions in Psychoanalysis. Londres, Tavistock, 1955.
- BLEGER, J. Simbiose e ambiguidade. Rio, Francisco Alves, 1977.
- BOHM, E. Manual del Psicodiagnostico de Rorschach. Madrid, Morata, 1970.
- CASSIERS, L. Le Psychopathe délinquant. Bruxelles, Dessart, 1968.
- CASSIRER, E. Le langage et la construction du monde des objets. In Pariente, J.C., Essais sur le langage. Paris, Minuit, 1969.
- _____. Linguagem e mito. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. Notule sur les mots et les choses. Revue Française de Psychanalyse, XXXIX(4), 1975.
- CLECKLEY, H. The mask of sanity. St. Louis, Mosby, 1950.
- ELIADE, M. Images et symboles. Paris, Gallimard, 1972.
- EY, H. Manuel de Psychiatrie. Paris, Masson, 1970.
- FENICHEL, O. Teoria psicoanalítica de las neurosis. Buenos Aires, Paidós, 1966.
- FERENCZI, S. Thalassa. Paris, Payot, 1969.

- FISCHER, S. e CLEVELAND, S.E. Body Image and Personality. New York, Dover, 1968.
- FREUD, A. O ego e os mecanismos de defesa. Rio, B.U.P., 1968.
- _____ Infância normal e patológica. Rio, Zahar, 1971.
- FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911). In: Ed. Standard das obras de Freud. Rio, Imago, 1974, vol. XII.
- _____ Recordar, repetir e elaborar (1914). Ed. Standard das obras de Freud. Rio, Imago, vol. XII.
- _____ Os instintos e suas vicissitudes (1915a). Ed. Standard das obras de Freud. Rio, Imago, vol. XIV.
- _____ O inconsciente (1915b). Ed. Standard das obras de Freud. Rio, Imago, vol. XIV.
- _____ Criminosos em consequência de um sentimento de culpa (1916). Ed. Standard das obras de Freud. Rio, Imago, vol. XIV.
- _____ O Ego e o Id (1923). Ed. Standard das obras de Freud. Rio, Imago, vol. XIX.
- GREEN, A. L'affect. Revue Française de Psychanalyse, XXXIV(5-6), 1970.
- _____ Le discours vivant. Paris, Presses Universitaires de France, 1973.
- GREENACRE, Ph. Trauma, desarrollo y personalidad. Buenos Aires, Hormé, 1960.
- GRINBERG, L. Sobre el acting out en el processo psicoanalítico. Rev. de Psicoanálisis, XXV (3-4), 1968.
- _____ Culpa y depression. Buenos Aires, Paidós, 1971.
- GRINBERG, L. e GRINBERG, R. Identidad y cambio. Buenos Aires, Kargieman, 1971.
- HATHAWAY, S. e MCKINLEY, J. Scale 4 - Psychopathic Deviate. In: Welsh, G.S., Basic Readings on the MMPI. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1963.
- HEIMANN, P. Funções da introjeção e da projeção. In: Klein, M. Os progressos da psicanálise. Rio, Zahar, 1969.
- HENDERSON, D.K. Psychopathic states. New York, Norton, 1947.
- ISAACS, S. Natureza e função da fantasia. In: Klein, M., Os progressos da psicanálise. Rio, Zahar, 1969.

- JASPERS, K. Psicopatologia Geral. Rio de Janeiro, Atheneu, 1973.
- JOSEPH, B. Algunas características de la personalidad psicopática. Revista de Psicoanálisis, XXX(1), 1973.
- KERNBERG, O. Consideraciones sobre la organización psicopática de la personalidad. Revista de psicoanálisis, XXX(1), 1973.
- KLEIN, M. A análise infantil (1926). In: Contribuições à psicanálise. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
- _____ Tendências criminais em crianças normais (1927). In: Contribuições à Psicanálise. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
- _____ A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego (1930). In: Contribuições à psicanálise. S.P., Mestre Jou.
- _____ Sobre a criminalidade (1934). In: Contribuições à psicanálise. São Paulo, Mestre Jou, 1970.
- _____ Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: Os Progressos da Psicanálise. Rio, Zahar, 1969.
- _____ Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê. In: Os progressos da Psicanálise. Rio, Zahar, 1969.
- _____ Sobre a identificação. In: O sentimento de solidão. Rio, Imago, 1971.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. Vocabulaire de la psychanalyse. Paris, Presses Universitaires de France, 1967.
- LIBERMAN, D. La comunicación en terapia psicoanalítica. Buenos Aires, Eudeba, 1966.
- LOPEZ-IBOR, J.J. Las neurosis como enfermedades del animo. Madrid, Gredos, 1966.
- MAJOR, R. La symbolisation et son a choppement. Revue Française de Psychanalyse, XXXV(1), 1971.
- MAYER-GROSS, W., SLATER, E., ROTH, M. Clinical Psychiatry. Londres, Cassell, 1954.
- MILNER, M. The role of illusion in symbol formation. In: Klein, M. New directions in psychoanalysis. Londres, Tavistock, 1955.
- MUCCHIELLI, R. La dynamique du Rorschach. Paris, Presses Universitaire de France, 1968.
- PAZ, J.R. Psicopatologia: sus fundamentos dinamicos. Buenos Aires, Nueva Vision, 1976.

PIAGET, J. La naissance de l'intelligence chez l'enfant. Neuchâtel, Delachaux et Niestlé, 1966.

_____. A formação do símbolo na criança. Rio, Zahar, 1978.

RAPPEPORT, J. Anti-social behavior. In: Arieti, S., American Handbook of Psychiatry (vol. 3). New York: Basic Books, 1974.

RIVIERE, J. Introdução Geral. In: Klein, M. Os progressos da psicanálise. Rio, Zahar, 1969.

_____. The unconscious phantasy of an inner world reflected in examples from literature. In: Klein, M. New directions in psychoanalysis. Londres, Tavistock, 1955.

RODRIGUES, A. A pesquisa experimental em psicologia e educação. Petrópolis, Vozes, 1975.

RORSCHACH, H. Psicodiagnóstico. São Paulo, Mestre Jou, 1967.

RYCROFT, C. Dicionário crítico de psicanálise. Rio, Imago, 1975.

SCHILDER, P. Imagen y apariencia del cuerpo humano. Buenos Aires, Paidós, 1958.

SCHNEIDER, K. Las personalidades psicopáticas. Madrid, Morata, 1948.

SEGAL, H. A psychoanalytical approach to aesthetics. In: Klein, M., New directions in psychoanalysis. Londres, Tavistock, 1955.

_____. Notes sur la formation du symbole. Revue Française de Psychanalyse, XXXIV(4), 1970.

_____. Introdução à obra de Melanie Klein. Rio, Imago, 1975.

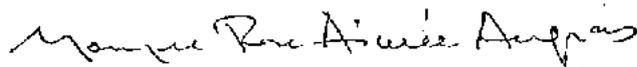
WEIL, P. e NICK, E. O potencial de inteligência do brasileiro. Rio, CEPA, 1970.

WELSH, G.S. e DAHLSTROM, W.G. An MMPI handbook. Minneapolis, The University of Minnesota Press, 1960.

ZAC, J. El impostor. Revista de Psicoanálisis, XXI(1), 1964.

_____. Psicopatia. Buenos Aires, Kargieman, 1977.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt, intitulada "**Validação de um método de diagnóstico da personalidade psicopática através do teste de Rorschach**", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



Prof.^a Monique Rose Aimée Augras
(Orientadora) PUC-Rio



Prof. Pedro Américo Correia Netto
PUC-Rio



Prof.^a Angela Maria Brasil Biaggio
PUC-RS

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, ...6...17.../2000.



Prof. Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas